

FOLHA
EXPLICA

NIETZSCHE

OSWALDO GIACOIA JUNIOR

PUBLIFOLHA

FOLHA
EXPLICA

NIETZSCHE

OSWALDO GIACOIA JÚNIOR

PUBLIFOLHA

© 2000 Publifolha - Divisão de Publicações da Empresa Folha da Manhã S.A.

© 2000 Osvaldo Giacoia Júnior

Divisão de Publicações da Empresa Folha da Manhã S.A.

Editor: Arthur Nestrovski

Capa e projeto gráfico: Silvia Ribeiro

Assistente de projeto gráfico: Marilisa von Schmaedel

Revisão: Mário Vilela

Editoração: eletrônica Picture

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP Brasil)

Giacoia Júnior, Osvaldo

Nietzsche / Osvaldo Giacoia Júnior. - São Paulo : PUBLIFOLHA, 2000. (Folha explica)

ISBN 85-7402-212-8

1. Filosofia alemã 2. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844 1900 I. Título II. Série

00-2125

CDD-193

Índices para catálogo sistemático:

1. Nietzsche: Filosofia alemã 193

PUBLI FOLHA

Divisão de Publicações do Grupo Folha

Av. Dr. Vieira de Carvalho, 40, IIº andar, CEP 01210-010, São Paulo, SP

Tels.:(11) 3351-6341/6342/6343/6344 - Site. www.publifolha.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:

POR QUE LER NIETZSCHE HOJE.....	9
1. A CRISE DOS VALORES.....	15
2. NIETZSCHE E O FIM DA METAFÍSICA.....	21
3. O JOVEM NIETZSCHE.....	27
4. UMA FILOSOFIA PARA ESPÍRITOS LIVRES.....	41
5. A DERRADEIRA FILOSOFIA, OU COMO TORNAR-SE O QUE SE É.....	53
6. BREVE HISTÓRIA DA RECEPÇÃO DA OBRA DE NIETZSCHE.....	71
7. DADOS BIOGRÁFICOS.....	
SUGESTÕES DE LEITURA.....	89



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

para Rachel Cristina

Todos esses pássaros audazes, que voam ao longe, ao mais longínquo – certamente! em algum lugar não poderão ir mais longe e pousarão sobre um mastro ou um mísero recife – , e, além do mais, tão gratos por esse deplorável pouso! Mas quem poderia concluir disso que adiante deles não há mais nenhuma descomunal rota livre, que eles voaram tão longe quanto se pode voar. Todos os nossos grandes mestres e precursores acabaram por se deter, e não é com o gesto mais nobre e mais gracioso que o cansaço se detém: também comigo e contigo será assim! Mas que importa isso a mim e a ti! Outros pássaros voarão mais longe!... E para onde queremos ir? Queremos passar além do mar? Para onde nos arrasta esse poderoso apetite que para nós vale mais do que qualquer prazer? Mas por que precisamente nessa direção, para lá onde até agora todos os seus cia humanidade declinaram? Talvez um dia dirão de nós que também nós, navegando para o Ocidente, esperávamos alcançar ninas índias – mas que nosso destino era naufragar no infinito? Ou, meus irmãos! Ou?

Aurora, aforismo 575

(Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho)

INTRODUÇÃO: POR QUE LER NIETZSCHE HOJE

Dentre os clássicos da filosofia moderna, Nietzsche talvez seja o pensador mais incômodo e provocativo. Sua vocação crítica cortante o levou ao submundo de nossa civilização, sua inflexível honestidade intelectual denunciou a mesquinhez e a trapaça ocultas em nossos valores mais elevados, dissimuladas em nossas convicções mais firmes, renegadas em nossas mais sublimes esperanças. Essa atitude deriva do que Nietzsche entendia *por filosofia*.

Para ele, filosofar é um ato que se enraíza na vida e um exercício de liberdade. O compromisso com a autenticidade da reflexão exige vigilância crítica permanente, que denuncia como impostura qualquer forma de mistificação intelectual. Por isso, Nietzsche não poupou de exame nenhum de nossos mais acalentados artigos de fé. O destino da cultura, o futuro do ser humano na história, sempre foi sua obsessiva preocupação. Por causa dela, submeteu à crítica todos os domínios vitais de nossa civilização ocidental: científicos, éticos, religiosos e políticos.

Nietzsche é um dos grandes mestres da suspeita, que denuncia a moralidade e a política moderna como transformação vulgarizada de antigos valores metafísicos e religiosos, numa conjuração subterrânea que conduz ao amesquinamento das condições nas quais se desenvolve a vida social. Nesse sentido, ele é um dos mais intransigentes críticos do nivelamento e da massificação da humanidade. Para ele, isso era uma conseqüência funesta da extensão global da sociedade civil burguesa, tal como esta se configurou a partir da Revolução Industrial.

Nietzsche se opõe a supressão das diferenças, a padronização de valores que, sob o pretexto de universalidade, encobre, de fato, a imposição totalitária de interesses particulares; por isso, ele é também um opositor da igualdade entendida como uniformidade. Assim, denunciou a transformação de pessoas em peças anônimas da engrenagem global de interesses e a manipulação de corações e mentes pelos grandes dispositivos formadores de opinião.

O esforço filosófico de Nietzsche o levou a se confrontar com as grandes correntes históricas responsáveis pela formação do Ocidente: a tradição paga greco-romana e a judaico-cristã; e o que resultou da fusão entre as duas.

Ao longo desse seu confronto com o conjunto da herança cultural de nossa tradição, Nietzsche forjou conceitos e figuras do pensamento que até hoje impregnam nosso vocabulário e povoam nosso imaginário político e artístico. Tais são, por exemplo, as noções de *Apoio* e *Dionísio*, transformadas em categorias estéticas, os conceitos de *vontade de poder*, *além-do-homem* (*Übermensch*), *eterno retorno* e niilismo e a figura da *morte de Deus*.

É impossível se colocar à altura dos principais temas e questões de nosso tempo sem entender o pensamento de Nietzsche. Ateísta radical, ele atribui ao homem a tarefa de se reapropriar de sua essência e definir as metas de seu destino. Dele afirma o filósofo Martin Heidegger: "Nietzsche é o primeiro pensador que, perante a história universal pela primeira vez aflorada em seu conjunto, coloca a pergunta decisiva e a reflete internamente em toda a sua extensão metafísica. Essa pergunta reza: como homem, em sua essência até aqui, está o homem preparado para assumir o domínio da terra?"¹

Nesse sentido, Nietzsche é o pensador de nossas angústias, que não poupou nenhuma certeza estabelecida — sobretudo as suas próprias convicções — e desvendou os mais sinistros labirintos da alma moderna. Com a paixão que liga a vida ao pensamento, Nietzsche refletiu sobre todos os problemas cruciais da cultura moderna, sobre as perplexidades, os desafios, as vertigens no fim do século 19. Dessa sua condição, postado entre o final e o início de duas eras, Nietzsche esboçou um quadro que, em todos os seus matizes, nos concerne ainda, na passagem a um novo milênio, em direção a um destino que ainda não se pode discernir.

A despeito de sua visão sombria, Nietzsche tentou ser, ao mesmo tempo, um arauto de novas esperanças. Sua mensagem definitiva — a criação de novos valores, a instituição de novas metas para a aventura humana na história — é também um cântico de alegria. Essa é uma das razões pelas quais o estilo de Nietzsche resulta da combinação paradoxal de elementos antagônicos: sombra e luz, agonia e êxtase, gravidade e leveza.

Isso explica por que, para ele, o riso e a paródia são operadores filosóficos inigualáveis: eles permitem reverter perspectivas fossilizadas. Nietzsche, o impiedoso crítico das crenças canônicas, é também um mestre da ironia. Sua ambição consiste em

tomar superfície o que é profundidade, restituir a graça ao peso da seriedade filosófica.

Opositor ferrenho da dialética socrática, Nietzsche reedita, no mundo moderno, o gesto irônico do pai fundador da filosofia ocidental. Decisivo adversário de Platão, sua filosofia talvez possa ser caracterizada como uma inversão paródica do platonismo. Definindo-se como o mais intransigente anticristão, dá, no entanto, á sua autobiografia intelectual, escrita no final de sua vida, o título *Ecce Homo* ("Eis o Homem") – expressão empregada por Pilatos ao apresentar Jesus a seus algozes, pouco antes da Paixão.

Nietzsche, o filósofo-artista, um poeta que só acreditava numa filosofia que fosse expressão das vivências genuínas e pessoais, vendo na experiência estética uma espécie de êxtase e redenção, é, por isso mesmo, um precursor da crítica a um tipo de racionalidade meramente técnica, fria e planificadora. A despeito da profundidade e da gravidade das questões com que se ocupa, sempre as tratou em estilo artístico, poeticamente sugestivo; só acreditava na autenticidade de um pensamento que nos motivasse a dançar. Ele mesmo imagina sobre sua porta a inscrição:

Moro em minha própria casa

Nada imitei de ninguém

E ainda ri de todo mestre

Que não riu de si também.²

Sem extravasar os limites dos livros desta série, *Folha Explica Nietzsche* se propõe a ser uma apresentação geral do homem e do filósofo Friedrich Nietzsche. Seu objetivo é fazer com que o leitor se familiarize com os conceitos, as figuras e o estilo de Nietzsche – não para depois encerrá-los em qualquer câmara da memória, mas sim para despertar seu interesse e estimulá-lo a seguir adiante. Aceitar o desafio de Nietzsche implica, sobretudo, pensar independentemente; e por isso, ás vezes, também *contra* Nietzsche.

¹ Heidegger. "Wer ist Nietzsches Zarathustra?"; em: *Vorträge und Aufsätze*. Pfullingen: Neske Verlag, 1954; p. 102.

² Epígrafe de *A Gaia Ciência*; em Nietzsche. *Obra Incompleta*. Trad. Rubem Rodrigues Torres Filho. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974; p 195.

1. A CRISE DOS VALORES

O pensamento filosófico de Nietzsche pode ser comparado a uma espécie de sensor que registra e antecipa questões e desafios de nosso século. Sua ambição é realizar um diagnóstico fiel da situação do homem moderno. Para ele, não resta dúvida de que, herdeiro dos progressos do Iluminismo, julgamo-nos liberados das cadeias da ignorância e da superstição. Confiantes nas possibilidades advindas da utilização industrial da ciência e da técnica, estamos certos de poder descobrir todos os segredos do universo e construir uma sociedade expurgada de todas as formas de opressão, violência, exploração. Afinal, somos devotos do deus Logos,³ confiantes em sua onipotência.

Nietzsche, porém, meditou sobre o lado obscuro, as conseqüências que poderiam resultar do otimismo desenfreado embutido nessa convicção. Esse otimismo representa, para ele, a face resplandecente de um avesso sombrio: o mesmo progresso conduz inexoravelmente à exaustão dos valores herdados da tradição, à sua impossibilidade de dar sustentação a futuros projetos viáveis, no campo quer do conhecimento, quer da ética, quer da política.

Nietzsche se encontrava no limiar de uma experiência do mundo em que, como conseqüência dos progressos do conhecimento, noções como Verdade, Falsidade, Justiça, Bem, Mal, Virtude tinham sido relativizadas, não podendo mais responder a nossa eterna pergunta pelo sentido da existência. Para ele, não cabia ao filósofo justificar ou condenar esse estado de coisas, *mas constatá-lo*; essa constatação seria, então, o único caminho que permite vislumbrar uma saída. Toda tentativa de negar essa condição representa não apenas uma desonestidade intelectual e moral, mas sobretudo o risco da catástrofe; ou seja, a possibilidade de que o esvaziamento de valores autênticos nos conduza de volta á barbárie, á destruição daquilo que de mais precioso a humanidade conquistou ao longo da história: a dignidade da pessoa humana.

Por essa razão, Nietzsche dedicou sua vida a realizar três tarefas principais: *compreender a lógica desse movimento contraditório* ao longo do qual o progresso do

³ *Logos*: palavra grega que significa "palavra", "discurso" e "razão"; termo que dá origem à palavra lógica e que, em sentido amplo, é equivalente à racionalidade.

conhecimento leva á perda de consistência dos valores absolutos; a partir daí, *denunciar todas as formas de mistificação* pelas quais o homem moderno oblitera sua visão dos perigos de sua condição; por fim, destruídos os falsos ídolos – e esses são os valores mais venerados pelo homem moderno – assumir corajosamente o risco de *pensar novos valores*, abrir novos horizontes para a experiência humana na história.

Nietzsche viveu e pensou em profundidade a crise que se abatia sobre a Europa ao final do século 19. Filha de seu próprio tempo, sua obra submete a uma crítica impiedosa todas as esferas da cultura. Porém, ao exigir do homem moderno que tome consciência das conseqüências, das possibilidades e dos limites de seu saber e agir, Nietzsche coloca questões que até hoje prosseguem conosco. Num de seus mais belos e célebres textos, põe em cena o drama de nossa condição:

"Não ouvistes falar daquele homem louco que, em plena manha clara, acendeu um candeeiro, correu para o mercado e gritava incessantemente: 'Procuro Deus! Procuro Deus?' – E, como lá se reunissem justamente muitos daqueles que não acreditavam em Deus, provocou ele então grande gargalhada. 'Perdeu-se ele, então?', dizia um. 'Ter-se-ia extraviado, como uma criança?', dizia outro. 'Ou se mantém oculto? Tem ele medo de nós? Embarcou no navio? Emigrou?' – desse modo gritavam e riam entre si. O homem louco saltou em meio a eles e trespassou-os com o oUiar. 'Para onde foi Deus?', clamou ele, 'eu vos quero dízê-lo! Nós o matamos, vós e eu! Nós todos somos seus assassinos? Como, porém, fizemos isso? Como pudemos tragar o oceano? Quem nos deu a esponja para remover o horizonte inteiro? Que fizemos nós quando desprendemos esta Terra de seu sol? Para onde se move ela, então? Para onde nos movemos nós? Longe de todos os sóis? Não nos precipitamos sem cessar? E para trás, para o lado, para frente, de todos os lados? Há ainda um alto e um baixo? Não erramos como através de um nada infinito? Não nos bafeja o espaço vazio? Não ficou mais frio? Não vem, sem cessar, sempre a noite e mais noite? Não se tem que acender candeeiros pela manhã? Nada ouvimos ainda do rumor dos coveiros, que sepultam Deus? Nada sentimos ainda do cheiro da decomposição divina? – também os deuses se decompõem! Deus morreu! Deus permanece morto! E nós o matamos! Como é que nos consolamos, nós os assassinos de todos os assassinos? Aquilo de mais santo e poderoso que o universo possuiu até agora sangrou sob nossos punhais – quem enxuga de nós

esse sangue? Com que água poderíamos nos purificar? Que cerimônias de expiação, que divinos jogos teríamos de inventar? A grandeza desse feito não é demasiado grande para nós? Não teríamos que nos tomar, nós próprios, deuses, para apenas parecer dignos dele? Jamais houve um feito maior – e sempre quem tenha apenas nascido depois de nós pertence, por causa desse feito, a uma história mais elevada do que foi toda história até agora! – “Aqui, calou-se o homem louco e mirou de novo seus ouvintes. Também estes silenciavam e olhavam-no com estranhamento. Finalmente, ele arrojou o candeeiro ao solo, de modo que este se estilhaçou e apagou. ‘Chego cedo demais’, disse ele então; ‘não estou ainda no tempo oportuno. Esse acontecimento formidável está ainda a caminho e peregrina – ele ainda não penetrou nos ouvidos dos homens. Relâmpago e trovão precisam de tempo, a luz dos astros precisa de tempo, feitos precisam de tempo, mesmo depois de consumados, para serem vistos e ouvidos. Este feito está ainda mais distante deles do que os astros mais remotos –, e todavia eles o consumaram!’. Conta-se ainda que, no mesmo dia, o homem louco teria entrado em diversas igrejas e nelas entoado seu *requiem aeternam Deo*. Conduzido para fora e instado a falar, teria ele replicado sempre apenas isto: ‘O que são, então, as igrejas, se não criptas e mausoléus de Deus?’”⁴

A passagem descreve o sentimento de abandono que, como vazio opressivo, esmaga a consciência do homem moderno. Os cínicos escarnecedores, reunidos na praça do mercado, somos também nós, vencedores do combate da ciência contra as trevas da ignorância. Apenas nós, homens modernos, não estávamos conscientes da dimensão épica de nosso próprio feito, nada sabíamos da tragédia que desencadeáramos, nela precipitando nosso mundo.

Friedrich Nietzsche é o pensador a quem coube apreender filosoficamente a experiência intelectual que marca nosso destino, ao tentar levar até suas conseqüências extremas o impulso crítico que anima o pensamento filosófico da modernidade. Não se pode, porém, extrair as últimas conclusões desse impulso crítico sem retomar à sua origem, isto é, para Nietzsche, à metafísica de Platão. Por essa razão, uma das primeiras e mais fundamentais tarefas que Nietzsche se atribui é a de refutar e destruir a metafísica platônica.

⁴ Nietzsche, *Gaia Ciência*; aforismo 125: O Homem louco

2. NIETZSCHE E O FIM DA METAFÍSICA

Para Nietzsche, pode-se tomar a filosofia de Platão como modelo da metafísica. Esta se fundamenta numa concepção dualista do universo, estabelecendo uma oposição de valores entre duas esferas distintas da realidade ou do ser: de um lado, existe um domínio ideal, considerado como o *verdadeiro mundo ou a realidade verdadeira*, assim denominado por ser o plano das essências, isto é, aquilo que, em todo e qualquer fenômeno constitui sua *pura forma* ou conceito. Assim, por exemplo, a *humanidade* constitui a essência de cada ser humano particular, ou a *triangularidade* determina a natureza de toda e qualquer figura triangular que vemos ou traçamos. Todos os indivíduos humanos concretos são limitados e finitos, mas a humanidade é uma entidade intelectual, que em nada se altera em virtude da sucessão dos indivíduos singulares.

Tais formas puras, denominadas tecnicamente *idéias* por Platão, teriam sua origem na idéia do Bem — ou de Deus — que é a causa produtora de todas as outras idéias que são as formas gerais do universo. Tais entidades são inacessíveis a nossos órgãos dos sentidos; e imutáveis, uma vez que não estão submetidas às leis do espaço e do tempo. Por serem as responsáveis pela realidade de todo real, foram tradicionalmente denominadas *realidade inteligível*, em contraposição a uma segunda ordem de realidade, a realidade *aparente ou sensível*, que é aquela de que temos experiência ordinária.

Contraposto às essências inteligíveis, o mundo sensível é tradicionalmente considerado um plano de realidade deficitária, enganosa, mera aparência ou simulacro das formas puras, que são como originais ou modelos dos quais toda realidade empírica, sensível, constitui uma cópia, necessariamente imperfeita e corruptível. E a essa realidade degradada, sujeita às condições do espaço e do tempo, que pertence nossa existência terrena e corporal.

Nossa alma ou espírito, nossa verdadeira essência e princípio inteligível, estaria como se prisioneira de nosso corpo, sendo por isso induzida ao erro e ao engano pelos sentidos, que nos arrastam para o plano das aparências, desviando-nos do que seria nossa verdadeira destinação: a contemplação das formas puras. Em virtude de nossa alma racional, imortal, somos aparentados com as puras idéias e participantes do

mundo inteligível.

Todo conhecimento verdadeiro seria, pois, uma espécie de recordação do que outrora, antes do cativeiro de nossa alma pelo corpo e no mundo terrestre, contempláramos do verdadeiro e divino mundo das idéias. Um espírito, ou razão pura, e um bem em si (um bem ou valor cuja vigência é universal e necessária) constituem as referências metafísicas que dão sustentação tanto ao conhecimento científico quanto às ações morais do ser humano no mundo.

O anúncio, por Nietzsche, da morte de Deus significa o fim do modo tipicamente metafísico de pensar, na medida em que, para ele, o cristianismo, tanto como religião quanto como doutrina moral, constitui uma versão vulgarizada do platonismo, adaptada às necessidades e anseios de amplas massas populares. Por sua vez, o cristianismo constitui, para Nietzsche, a medula ética do mundo ocidental; é da seiva moral do cristianismo que se nutrem todas as esferas importantes de nossa cultura, desde a mais abstrata e rarefeita investigação das ciências formais até o plano material de organização da vida e do trabalho.

Para Nietzsche, a morte de Deus é uma expressão simbólica do desaparecimento desse horizonte metafísico, baseado na oposição entre aparência e realidade, verdade e falsidade, bem e mal. Isso significa que não podemos mais sustentar a crença num conhecimento objetivo, que ultrapasse a particularidade de nossos afetos.

Para Nietzsche, todo conhecimento é inevitavelmente guiado por interesses e condicionamentos subjetivos, ideológicos; o conhecimento resulta da projeção de nossos impulsos e anseios, razão pela qual Nietzsche o considera sempre determinado por certa perspectiva, seja individual, seja sócio-culturalmente determinada. Se, como resultado do desenvolvimento das ciências e do aprofundamento do esclarecimento, chegamos à experiência da morte de Deus, então é lícito colocar também em questão o único valor absoluto que ainda permanece reconhecido pela consciência científica contemporânea: o valor absoluto da verdade. A morte de Deus implica, portanto, a possibilidade de *colocar em questão a crença na origem divina e no valor absoluto da verdade*.

Fazer com que a verdade apareça como um problema implica, para Nietzsche, problematizar também conceitos como o bem e o mal, o justo e o injusto, o lícito e o proibido, na medida em que verdade, beleza e bondade (justiça) sempre foram termos

que mantiveram íntima correlação. Nietzsche é, pois, o filósofo que ousa colocar em questão o valor dos valores. Sua preocupação consiste em trazer à luz as condições históricas das quais emergiram nossos supostos valores absolutos, colocando em dúvida a pretensa sacralidade de sua origem. Em sua genealogia da moral, Nietzsche pretende também submeter a julgamento o valor desses mesmos valores: foram eles propícios ou nocivos ao florescimento e intensificação da vida humana na terra?

3. O JOVEM NIETZSCHE

Uma exposição geral do pensamento de Nietzsche constitui uma tarefa dificultada pela variedade dos temas de que se ocupa, pela extraordinária multiplicação de pontos de vista – por vezes dificilmente conciliáveis -sobre um mesmo assunto, pela diversidade de estilos literários presentes em sua obra e, sobretudo, pela natureza radicalmente crítica e polêmica de seus escritos. Isso gerou a convicção, quase unânime entre seus comentadores, de que o aspecto *assistemático* constitui o traço essencial de seu pensamento.

Um intérprete contemporâneo da obra de Nietzsche, o americano Walter Kaufmann, escrevendo a respeito desse traço assistemático, fez notar que Nietzsche seria *mn pensador de problemas*, e não *pensador de sistemas*; aliás, de acordo com Kaufmann, o pensamento nietzscheano não poderia dar ensejo a um sistema. Em Nietzsche, "a investigação filosófica parte não de um feixe de pressupostos, mas de uma situação problemática. Nela estão contidos alguns pressupostos, e outros são expressamente admitidos ao longo da investigação. O resultado final não é tanto uma solução do problema inicial, mas antes o discernimento de seus limites: em regra, o problema não é resolvido; nós, porém, nos elevamos acima dele".⁵

A despeito da diversidade temática de seu conteúdo e da multiplicidade de seus estilos, pode-se facilmente reconhecer que as questões abordadas por Nietzsche remetem a um centro comum de preocupações, que os conceitos e argumentos se reúnem em constelações, que se arranjam e modificam ao longo de sua trajetória filosófica, sem, entretanto, jamais deixar de orbitar em torno de um centro de gravidade. "Com a mesma necessidade com que uma árvore dá seus frutos, crescem em nós nossos pensamentos, nossos valores, nossos sins e não e quando e ses – aparentados e referidos todos eles entre si e testemunhas de uma única vontade, de uma única saúde, de um único terreno, de um único sol."⁶

Na literatura secundária, costuma-se dividir cronologicamente em três fases a produção filosófica de Nietzsche. O primeiro período estaria situado, aproximadamente, entre os anos 1870 e 1876. Um segundo momento vai de 1876 a 1882,

⁵ Kaufman, Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist, New Jersey: Princeton University, 1974, p. 82.

⁶ Para a *Genealogia da moral*. Prefácio, par. 2; em: Nietzsche. *Obra Incompleta*. Trad. Rubem Rodrigues Torres Filho. Col.

sendo seguido pela derradeira fase, iniciada em 1882 e abruptamente interrompida em 1889. Essa periodização é sobretudo determinada pela seqüência das obras características de cada uma das fases.

Contudo, essa divisão sempre foi objeto de debate entre os principais comentadores da obra de Nietzsche. Por um lado, não se pode negar que determinados grupos de idéias se conservam presentes nos diferentes períodos, o que sugeriria uma idéia de continuidade. Por outro, a trajetória filosófica de Nietzsche é marcada por mudanças significativas, tanto de forma quanto de conteúdo. As principais vantagens dessa periodização são sobretudo de ordem didática, para fins expositivos.

O primeiro momento se caracterizaria, sobretudo, pelos escritos do assim chamado "jovem Nietzsche" e coincidiria, em grande parte, com o tempo de docência na Universidade de Basileia, como catedrático de filologia clássica. Tal período é marcado pela publicação de *O Nascimento da Tragédia a partir do Espírito da Música* (1872), *Primeira Consideração Extemporânea: David Strauss, o Devoto e o Escritor* (1873), *Da Utilidade e Desvantagem da História Para a Vida* (1874), *Schopenhauer como Educador* (1874) e *Richard Wagner em Bayreuth* (1876).

Entretanto, não se pode deixar de fazer menção a textos que permaneceram inéditos durante a vida do autor, ou tiveram restrita circulação, uma vez que são de grande relevância para uma interpretação do conjunto de seu pensamento. Dentre eles cabe citar: *O Drama Musical Grego, Sócrates e a Tragédia*, *A Cosmovisão Dionisíaca*, *O Nascimento do Pensamento Trágico* (todos de 1870); *Sócrates e a Tragédia Grega* (1871); *Sobre o Início de Nossas Instituições de Ensino* (1872); *Cinco Prefácios Para Cinco Livros Não Escritos* (1872); *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos* (1873); e, talvez o mais famoso dos inéditos do jovem Nietzsche, *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extramoral* (1873).

A PRIMEIRA FASE

De um ponto de vista genérico, pode-se afirmar que a questão central da filosofia do jovem Nietzsche está ligada ao destino da arte e da cultura no mundo moderno. Nesse momento, ele se encontra profundamente influenciado pela metafísica da vontade de Schopenhauer (1788-1860), o teórico do pessimismo, que considerava que

o universo não era expressão do intelecto e da vontade de Deus, nem efeito de outra espécie de princípio racional. Para ele, a essência do universo é um impulso cego, denominado Vontade, ávida e insaciável, eternamente em busca de satisfação.

Outra influência decisiva para o jovem Nietzsche foi a teoria da arte de Richard Wagner (1813-83). Este também se inspirou em Schopenhauer, acreditando que a música seria a mais adequada forma de manifestação daquela força criadora do inundo, a Vontade. Tomando Wagner e Schopenhauer como seus aliados, Nietzsche empreende uma crítica radical das tendências culturais dominantes em seu tempo, caracterizadas por uma confiança ingênua nas idéias de evolução e progresso lógico ou natural, no curso dos quais a humanidade teria alcançado um estágio de desenvolvimento em que estaria em condições de, humanizando a natureza e racionalizando a sociedade, aproximar-se do ideal da felicidade universal.

Nietzsche se opunha também a outra tendência de sua época, que consistia em valorizar uma forma de intelectualidade erudita, burocrática e estéril que, em nome de uma pretensa neutralidade científica, se mantinha numa posição de distância em relação aos interesses concretos de um povo, às necessidades e urgências da vida.

Em contraposição ao gosto dominante entre seus contemporâneos, em matéria tanto de filosofia quanto de ciência, arte, religião, moral e política, Nietzsche se volta para a Grécia pré-socrática, com o propósito de nela buscar uma força originária, de que esperava um renascimento do espírito trágico na Europa, um contramovimento em relação ao cientificismo otimista dos tempos modernos.

Cético quanto á tese de que a natureza humana é originariamente boa, não partilhando a confiança ilimitada na onipotência da ciência e da racionalidade, Nietzsche esperava da arte, especialmente da música de Wagner, uma restauração da cultura trágica, no mesmo espírito em que esta florescera entre os gregos, embalada por um senso artístico notavelmente desenvolvido e por uma postura corajosa perante o drama da existência.

Para Nietzsche, havia algo em comum entre a situação dos gregos, á época do florescimento da tragédia, e a situação da Europa no século 19. Se Schopenhauer tinha razão, com sua metafísica da Vontade, então o coração pulsante do universo era um ímpeto cego, desprovido de finalidade, eternamente sofredor, porque eternamente carente. Por conseguinte, não haveria mais lugar para as ilusões consoladoras, até

aquela época alimentadas pela tradição, de que a ciência, a religião ou a moral seriam capazes de responder a eterna pergunta pela razão de ser e pelo sentido da existência humana no mundo.

Assim, nem pela razão especulativa nem pela razão prática — nem pela via da ciência, nem pela da moralidade — se poderiam justificar a existência do universo e a razão de ser da vida humana. *O Nascimento da tragédia a Partir do Espírito da Música* — aliás toda a metafísica de artista, que caracteriza esse primeiro período da filosofia de Nietzsche — encontra nesse diagnóstico da situação cultural da Europa seu horizonte de compreensão: "só como fenômeno estético toma-se justificada a existência do mundo [*das Dasein der Welt*]"⁷

O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA

E nesse sentido que os gregos do período trágico seriam exemplares. Eles pressentiram e vivenciaram de modo exacerbado as atrocidades da existência e as "dores do mundo", sem necessidade de subterfúgios moralistas. Prova disso é a ferocidade de que dão mostras os combates entre as cidades-estados, assim como as agruras materiais e espirituais que estavam na base do florescimento da cultura grega. Entretanto, mesmo compreendendo que o sofrimento e a violência da guerra se incluem entre as condições inexoráveis da vida, souberam dar à sua existência a elevação e a beleza que encontramos presentes em todos os setores do mundo grego, no nível tanto das instituições materiais, quanto das esferas superiores da cultura espiritual. Em outras palavras, os gregos souberam, exemplarmente, dominar o caos de seus impulsos, atingindo um domínio de si que lhes permitia transfigurar em beleza os horrores da existência.

O jovem Nietzsche ilustra essa sua teoria da "jovialidade" (*Heiterkeit*) grega⁸ recorrendo à proverbial lenda de Sileno, sábio acompanhante do deus Dionísio. Apolodoro narra que o rei Midas empreendeu caça a Sileno, para que este lhe revelasse o maior de todos os segredos: o que seria o homem o melhor e o mais digno de desejar. Finalmente apreendido e forçado a falar, Sileno teria respondido: "Estirpe

⁷ Nietzsche, *O Nascimento da tragédia*, cap. V.

⁸ "Serenojovialidade", na excelente tradução brasileira, feita por Jacó Guinsburg, de *O Nascimento da tragédia*. São Paulo: Companhia das letras, 1992, nota 2; p. 145.

miserável e transitória, filhos do acaso e da fadiga, por que me forças a dizer o que para ti seria mais vantajoso não ouvir? O melhor de tudo é totalmente inatingível para ti: não ter nascido, não *ser*, ser *nada*. E o melhor, em segundo lugar, é, para ti, morrer logo".

Esta é a lição deixada pela tragédia grega: arte e cultura têm como finalidade a transformação desse horror em beleza, em poesia épica e lírica popular, em música e ditirambos,⁹ em instituições ético-religiosas e políticas como a obra de arte do Estado grego. As narrativas míticas, em geral, são expressões de uma vivência comum do mundo, fundamentadora da identidade de um povo. Esse é, para Nietzsche, o mistério de *Apolo* e *Dionísio* símbolos intuitivos das duas forças ou impulsos fundamentais da natureza, aos quais corresponde a dupla face da experiência grega do mundo.

Apolo e Dionísio

Apolo representa o lado luminoso da existência, o impulso para gerar as formas puras, a majestade dos traços, a precisão das linhas e limites, a nobreza das figuras. Ele é o deus do *principio de individuação*, da sobriedade, da temperança, da justa medida, o deus do sonho das belas visões. Dionísio, por sua vez, simboliza o fundo tenebroso e informe, a desmedida, a destruição de toda figura determinada e a transgressão de todos os limites, o êxtase da embriaguez. Apolo é o patrono das artes figurativas, Dionísio é o deus da música.

A tragédia é a síntese dessas forças antitéticas: nela se conciliam, por um lado, a força cega e inexorável do destino, que a tudo destrói, e, por outro, a intensidade máxima do que resiste ao destino, a figura colossal do herói. Por essa reconciliação, a tragédia transfigura em drama artístico aquela sabedoria pessimista de Sileno, segundo a qual tudo o que nasce — mesmo o que há de mais grandioso — tem de perecer, para que o ciclo da vida se perpetue. Sem destruição, não há criação; sem trevas, não há luz; sem barbárie e crueldade, não há beleza nem cultura.

Sócrates e o pensamento científico

Em relação ao período heróico da tragédia ática, a tendência representada pela figura de Sócrates significou uma ruptura radical. O surgimento da escola socrática,

⁹ Gênero poético grego, sobretudo ligado ao cântico coral religioso em culto a Dionísio.

com a extrema valorização do pensamento lógico e da dialética, representaria não um progresso em relação à Grécia pré-socrática, porém o contrário disso. A racionalidade de tipo socrático – matriz do cientificismo moderno – tem como pressuposto a negação da experiência arcaica e genuinamente grega. Sócrates e seus contemporâneos já não estariam mais à altura da experiência trágica do mundo, não conseguindo suportar o racionalmente incompreensível – o absurdo da existência.

Para poder viver, o homem teórico busca refúgio na mesma fé ilusória que está na raiz da ciência moderna; isto é, ele se nutre no otimismo metafísico que está na base da racionalidade dialética: a crença na onipotência do logos científico. O tipo de homem teórico, encarnado por Sócrates, acredita ser possível, mediante o princípio de causalidade, desvendar os segredos mais abissais da realidade – não somente conhecê-los, como também corrigi-los. O otimismo teórico considera a ciência um *remédio universal*, que cura a ferida eterna do existir, e identifica no erro e na ignorância a fonte de todo mal.

Uma cultura de tipo socrático é necessariamente iluminista e, portanto, hostil à arte e ao mito, considerados uma forma de ignorância e de ilusão, uma vez que não explicam as verdadeiras causas das coisas. Entretanto, essa mesma cultura se converte em seu contrário – isto é, abre espaço para um renascimento da ilusão artística – quando a consciência do homem teórico admite que nem tudo é acessível à racionalidade lógica; mais ainda, que o essencial em nossa existência permanece envolto num mistério impenetrável a qualquer explicação racional. Tal experiência teria sido vivida na Grécia e estaria simbolizada no enigma de Sócrates – ao mesmo tempo sendo inimigo dos artistas e, no final da vida, compondo música e pondo em versos algumas fábulas de Esopo. Isto é: retomando ao mito. Essa seria, pois, a catástrofe da razão socrática.

Se, em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche recorre à Grécia como paradigma de cultura, não é com o propósito de oferecer ao público um tratado erudito de filologia clássica. O retomo aos gregos tem os olhos postos no presente, na cultura alemã de seu tempo. Esta representa, para o jovem Nietzsche, o prolongamento, mas também a agonia, de um modelo de cultura que tem em Sócrates sua figura emblemática. Trata-se de um tipo de cultura essencialmente lógica e dialética, que, como Sócrates, deposita toda a sua esperança na onipotência do conhecimento científico, no valor absoluto da

verdade a qualquer preço. Tal como Sócrates, a cultura moderna sucumbe á sua catástrofe quando chega ao discernimento de suas próprias fronteiras e limites, isto é, quando *reconhece*, a partir dos recursos e das exigências mais avançadas da própria ciência, que a razão técnico-científica não é onipotente. Mais ainda, que a confiança nessa onipotência é uma forma poderosa de ilusão.

O renascimento do espírito trágico

Esse discernimento constitui, para Nietzsche, o principal resultado do desenvolvimento da filosofia alemã desde Kant. A filosofia crítica culminaria com a descoberta de que os interesses essenciais da vida humana — a crença em Deus, na liberdade e na imortalidade da alma - são racionalmente inexplicáveis. Por essa razão, Nietzsche espera, de uma aliança contraída entre a tradição espiritual da filosofia alemã, simbolizada em Schopenhauer, e o poder irresistível da música alemã, simbolizada em Wagner, *um renascimento do espírito trágico*, que dana novo alento e autenticidade a uma cultura depauperada, que vive do consumo da cultura de todos os povos e épocas, numa confusão bárbara de todos os estilos; uma cultura consumida pela erudição vazia, desprovida de identidade própria e de vitalidade.

Do mesmo modo que, na Grécia, foi a partir do solo sagrado da arte — especialmente da tragédia nascida do espírito da música — que floresceu o melhor da cultura helênica, assim seria também, na Alemanha, o espírito da música de Wagner o que redespertaria o vigor originário dos mitos germânicos, fazendo renascer a cultura trágica alemã e, com ela, como farol para os outros povos da Europa, as possibilidades de elevar o ser humano bem acima do que eleja realizara ao longo de sua história.

CONSIDERAÇÕES EXTEMPORÂNEAS

Esse constitui todo o sentido da vigorosa polêmica que Nietzsche manteve com as principais correntes intelectuais de seu tempo, num programa com o título *Considerações Extemporâneas*. Nestas, Nietzsche põe impiedosamente a nu a hipocrisia, o artificialismo, a aridez e a cândida auto-satisfação que caracterizam a moderna cultura européia, em todas as suas esferas. Justamente por ser privada de autêntica consciência de si, a moderna cultura européia é, no mau sentido do termo, artifício, "filisteísmo".

Em razão da hipertrofia do conhecimento histórico, a cultura moderna é uma

mistura caótica das formas culturais de todas as épocas a que tem acesso; nesse sentido, o termo que a designa é, para Nietzsche, "barbárie civilizada". Falta-lhe, pois, a característica que constitui o traço essencial de toda verdadeira cultura: "Cultura é, sobretudo, a unidade do estilo artístico em todas as manifestações da vida de um povo".¹⁰

O projeto wagneriano de uma "obra de arte total" seria, portanto, essa força geradora de uma nova cultura, expressão artística das experiências fundamentais que dão origem a uma consciência de si. Esta, por sua vez, seria nutrida pela energia mágica do mito e da música, atuando, na qualidade de potência ética, como substituto da moderna religiosidade caduca, que restauraria os laços efetivos de solidariedade, imprimindo ao povo a unidade de um *estilo*. E a unidade desse estilo artístico, marcando todas as formas de manifestação da vida de um povo, desde a produção e reprodução da vida material até as esferas superiores da cultura, o que verdadeiramente constitui sua identidade.

Essa é a razão de ser da aproximação entre a tragédia grega e o drama musical wagneriano. Os gregos podem servir de exemplo porque aprenderam, pouco a pouco, a organizar o caos de elementos que se misturavam confusamente na história de sua civilização: elementos semíticos, babilônicos, lídios, persas, egípcios etc. Ao fazê-lo, eles nos indicaram o caminho de superação de nossa barbárie civilizada.

Esse *background* estético-metafísico é característico do primeiro período da trajetória filosófica de Nietzsche. E justamente nesse horizonte que se deve apreciar a crítica do jovem Nietzsche às idéias modernas de liberdade individual e igualitarismo, à democracia, ao liberalismo, cuja exacerbação ele via se configurar nos movimentos revolucionários socialistas e anarquistas. Sua crítica da modernidade política, seus estudos sobre o Estado grego são determinados, antes de tudo, por essa preocupação com a cultura entendida como transfiguração artística da natureza.

A motivação fundamental de sua filosofia política pode ser buscada não em alguma identificação com os interesses de uma classe social ou movimento político, mas na compreensão da cultura como redenção da natureza e da vida. Essa mesma observação vale para as fases ulteriores de seu filosofar. São equivocadas, portanto, as

¹⁰ *Considerações Extemporâneas* III em: Nietzsche, *Sämtliche Werke*, ed. G. Colli/M. Montinari (Kritische Studienausgabe – doravante KSA). Berlin/New York/München: De Gruyter/DTV, 1890, vol. 1, 1; p. 163.

interpretações que consideram sua obra uma apologia da aristocracia e da escravidão.

Nietzsche, de fato, não acreditava que uma organização racional das relações sociais faria desaparecer completamente da sociedade moderna as figuras negativas da violência, opressão e exploração. Suas razões para isso consistem em que o ser humano é, sobretudo, um animal impulsivo, dominado por forças que escapam ao controle integral e autárquico de sua consciência. Para Nietzsche, a racionalidade é uma forma refreada da vontade de poder, e não ainda suficientemente vigorosa para exercer pleno domínio sobre figuras menos espiritualizadas dessa mesma vontade que, na forma de paixões arrebatadoras, ameaçam permanentemente arrastar o homem às experiências mais terríveis de violência e destruição.

Num fragmento póstumo que permaneceu inédito, escrito no ano de 1883, Nietzsche registra esta sua visão pessimista da história da humanidade: "Cultura é apenas uma delgada pelinha de maçã sobre um caos incandescente".¹¹ Mas isso não implica uma justificação teórica da força bruta. Pelo contrário: em sua opinião, a aposta fundamental no jogo da cultura sempre consistiu, e consiste ainda, na organização do caos, na sublimação das forças vulcânicas que se agitam no interior do homem. Não a apologia do monstruoso e do irracional, mas o reconhecimento sem disfarces de que, sem a energia poderosa desse caos pulsional, nenhuma elevação e grandeza teria sido possível na Terra. Entretanto, a tarefa da cultura consiste justamente em transfigurar essa matéria incandescente em espírito, transformar monstros selvagens em animais domésticos, com os quais é belo e agradável viver.

¹¹ Fragmento póstumo de 1883, número 9(48); em: KSA, vol. 10; p. 362.

4. UMA FILOSOFIA PARA ESPÍRITOS LIVRES

A ruptura com a metafísica de artista, descrita no capítulo anterior, é também um distanciamento crítico em relação à filosofia de Schopenhauer e uma desilusão com as esperanças de renovação cultural depositadas no projeto wagneriano. Isso origina a nova configuração de temas e problemas, característica do segundo período de sua filosofia, no qual há uma predominância do estilo aforístico, inspirado nos moralistas franceses.¹²

No verão de 1876, deu-se a inauguração solene do Teatro Wagner, na cidade de Bayreuth, na Baviera, epicentro do projeto cultural denominado "obra de arte total". O quarto opúsculo da série *Considerações*

Extemporâneas, tendo por título "Richard Wagner em Bayreuth", foi escrito como artigo de apresentação, explicitando o significado cultural do empreendimento wagneriano. Contudo, a despeito dessa sua origem, o texto não deixa de sugerir avaliações profundamente ambíguas a respeito da obra de Wagner.

Quanto a Schopenhauer, seu nome não é sequer mencionado no próximo livro escrito por Nietzsche, a coletânea de aforismos que constituem os dois volumes de *Humano, Demasiado Humano*, publicado em 1878 e unanimemente considerado o marco inicial de seu segundo período de produção. E, no entanto, o livro inteiro é um ajuste de contas definitivo com as idéias fundamentais do sistema filosófico do autor de *O Mundo Como Vontade e Representação*.

HUMANO, DEMASIADO HUMANO

Dedicando o livro à memória do filósofo francês Voltaire e escolhendo como epígrafe uma citação de *O Discurso do Método para bem conduzir a própria razão e buscar a verdade na ciência*, de René Descartes, Nietzsche já o insere simbolicamente na tradição da filosofia das Luzes, caracterizada pela confiança no poder emancipatório da ciência,

¹² Corrente filosófica francesa dos séculos 16 e 17 que se notabilizou pela capacidade de observação psicológica dos problemas da moralidade e dos costumes, expressos em estilo literário caracteristicamente breve, denominado aforismo, ou em máximas e sentenças morais. François de La Rochefoucauld (1613-80) foi um de seus principais representantes. O aforismo tem extraordinária importância no modo de pensar e escrever de Nietzsche.

em seu triunfo contra as trevas da ignorância e da superstição. Não por acaso, portanto, a obra tem como subtítulo *Um Livro Para Espíritos Livres*.

Se, para o jovem Nietzsche, era a arte — e não a ciência ou a moralidade — o que constituía a atividade verdadeiramente metafísica do homem, permitindo a ele aproximar-se da dimensão "essencial" da existência, em *Humano, Demasiado Humano* ela é destituída desse privilégio. Fazendo uma referência velada a pressupostos fundamentais da filosofia de Schopenhauer, dos quais partilhara, Nietzsche toma agora o cuidado de se afastar criticamente deles: "Que lugar ainda resta agora para a arte? Antes de tudo, ela ensinou, através de milênios, a olhar com interesse e prazer a vida, em todas as suas formas, e alargar tanto nosso sentimento que por fim brademos: 'Como quer que seja a vida, ela é boa'. Essa doutrina da arte — sentir prazer na existência e considerar a vida humana uma parte da natureza — [...] essa doutrina foi implantada em nós; ela vem à luz novamente agora como irresistível necessidade de conhecer. O homem científico é o desenvolvimento do homem artístico".¹³

Essa segunda fase na trajetória filosófica de Nietzsche pode ser caracterizada, assim, por uma valorização do conhecimento científico e um abrandamento da oposição entre arte e ciência que, com seus diferentes matizes, caracterizava a metafísica de artista do jovem Nietzsche. Agora, o homem teórico — cujos modelos eram Sócrates e Platão — não se opõe mais ao artista; pelo contrário, é pensado como seu desenvolvimento, assim como o próprio artista passa a ser interpretado como desenvolvimento do homem religioso. O prazer de viver, a satisfação fluída na contemplação das formas da existência, cultivados na humanidade sob influência da arte, desafogam-se na "irresistível necessidade de conhecimento".

Se, para o jovem Nietzsche, o aprofundamento do conhecimento científico conduzia a proliferação de um saber erudito e estéril, que sufocava a vida, para o Nietzsche do período intermediário o conhecimento científico toma livre o espírito e, como herdeiro da riqueza e da elevação de ânimos produzidas pela arte, passa a assumir uma função transfiguradora, embelezadora da existência.

Pouco mais tarde, em *Aurora: Pensamentos Sobre os Sentimentos Morais* (1881), Nietzsche desenvolveria e aprofundaria seu novo entendimento relativo ao papel da ciência e à oposição entre esta e a arte. Contrapondo-se àqueles que valorizam apenas a

imaginação e as obras-primas do disfarce estético, que acreditam só reconhecer beleza no abandono da realidade nua e crua, Nietzsche nos fala de um *frisson* brotado do menor e mais seguro passo no progresso do conhecimento. O aforismo em questão tem como título "Conhecimento e Beleza":

"Eles pensam que a realidade é horrível; contudo, não pensam que o conhecimento até mesmo da mais horrível realidade é belo, do mesmo modo que aquele que conhece bastante e amiúde está, por fim, muito longe de considerar horrível o grande todo da realidade, cuja descoberta lhe proporciona sempre felicidade. A felicidade do homem do conhecimento aumenta a beleza do mundo e toma mais ensolarado tudo o que é; o conhecimento espalha sua beleza não apenas em torno das coisas, como também, com o tempo, dentro das próprias coisas".¹⁴

Data desse período intelectualista a valorização da disciplina dos métodos científicos, que marcará daqui em diante toda a sua obra. Por essa razão, Nietzsche procurará desenvolver até o máximo de refinamento seus dotes de filólogo, de psicólogo – a ponto de considerar a si mesmo, anos mais tarde, o primeiro psicólogo da Europa –, de historiador-filósofo, de genealogista da moral. Também intensifica seus estudos de ciências naturais, de fisiologia e biologia, e procura tomar contato com os últimos desenvolvimentos das disciplinas médicas e neurológicas.

Em 1877, seu amigo Paul Rée publica *A Origem dos Sentimentos Morais*. Pode-se afirmar que foi em oposição a esse livro que surgiram as hipóteses genuinamente metzschianas a respeito da gênese de nossos conceitos e sentimentos morais.

E nessa curiosidade histórico-psicológica a propósito do surgimento de nossos sentimentos e categorias morais que podemos surpreender em *Humano, Demasiado Humano* um procedimento característico, que não abandonará mais a trajetória de seu pensamento. Trata-se de um tipo de explicação que passa a constituir para Nietzsche, desde então, um modelo de conhecimento científico: a *explicação genealógica*.

¹³ *Humano, demasiado humano*, I, aforismo 222.

¹⁴ *Aurora*, V, Aforismo 550.

A EXPLICAÇÃO GENEALÓGICA

De acordo com esse método, a explicação de um fenômeno qualquer depende sempre da reconstituição dos momentos constitutivos de seu vir-a-ser, de tal maneira que o sentido atual desse fenômeno não pode ser obtido sem o conhecimento da série histórica de suas transformações e deslocamentos.

Aplicando-o à gênese dos sentimentos morais, Nietzsche afirma que aquilo que, a um olhar não suficientemente adestrado, pode aparecer como uma oposição entre contrários – por exemplo, entre bom e mau, egoísta e altruísta, mas também entre belo e feio, verdadeiro e falso, objetivo e subjetivo –, sempre se revela, à luz de sua consideração histórico-genealógica, como uma transformação do oposto em seu outro. Sugestivamente, Nietzsche dá a isso o nome de "química dos conceitos e dos sentimentos", na medida em que o ilustra a partir do fenômeno químico da sublimação:

"A filosofia histórica que, de modo algum, pode mais ser pensada separadamente da ciência natural, o mais jovem de todos os métodos filosóficos, revelou em casos singulares (e supostamente será este seu resultado em todos os casos) que não existem contrários, a não ser no habitual exagero da concepção popular ou metafísica, e que um erro da razão subjaz a essa contraposição: nos termos de sua explicação, não existe, rigorosamente falando, nem um agir não-egoísta, nem uma contemplação desinteressada; ambos são sublimações, nas quais o elemento fundamental, quase volatilizado, demonstra-se como existente apenas para a mais refinada observação".¹⁵

Dessa maneira, não somente desaparecem as antíteses entre pólos opostos, como também se dissolvem as entidades estáveis, as substâncias fixas e permanentes. O conjunto inteiro dos fenômenos, seja no domínio da natureza, seja no do espírito, constitui-se como um universo em constante transformação, um vir-a-ser (ou "devir"). O caráter específico da abordagem histórico-genealógica nietzscheana é constituído pela direção de seu olhar investigativo: a perspectiva se orienta de cima para baixo, das figuras mais solenes e refinadas – onde não se percebe a matéria grosseira – a suas condições de possibilidade.

A partir de *Humano, Demasiado Humano*, Nietzsche passa a proceder

metodicamente nesse sentido, sempre escavando os subterrâneos das mais requintadas formações culturais, especialmente da moral.

"Quem contempla aqueles temíveis despenhadeiros escarpados onde geleiras se acumulam considera impossível que venha um tempo em que, no mesmo sítio, se instale um vale de relvado e floresta, com regatos. Assim é também na história da humanidade: as forças mais selvagens abrem caminho, e, embora destrutivas, de início a atividade delas foi necessária para que, mais tarde, um modo de vida mais suave aí erguesse sua morada. As energias terríveis – aquilo que se chama o Mal – são os ciclópicos arquitetos e construtores de caminho da humanidade."¹⁶

Percebe-se atuando aqui um ideal de filosofia histórica que não pode prescindir da colaboração das demais ciências, na medida em que, para estar à altura de seu tempo, o filósofo deve ser capaz de fazer uso dos mais avançados resultados das disciplinas científicas, com o propósito de se elevar a uma concepção de mundo liberada das fantasias e superstições engendradas pela religião, pela moral e pela metafísica. Nesse sentido, o homem teórico não representa apenas o desenvolvimento do artista, mas, sobretudo, a passagem da infância religioso-metafísica, através do período de adolescência representado pela arte, para a plena maturidade conferida pelo espírito científico.

Retomando uma metáfora comum ao pensamento clássico, que põe em correspondência as fases de desenvolvimento da cultura de cada indivíduo com as etapas de evolução histórico-cultural da humanidade, Nietzsche dá a seguinte expressão à sua própria idéia do desenvolvimento humano:

"Os homens retomam cada vez mais rápido as fases costumeiras da cultura espiritual que foram alcançadas ao longo da história. Eles atualmente começam por fazer seu ingresso na cultura como crianças religiosamente motivadas e desenvolvem essa sensibilidade em sua suprema vivacidade até o décimo ano de vida; passam, então, por formas cada vez mais enfraquecidas (panteísmo), enquanto se aproximam da ciência; superam inteiramente Deus, imortalidade e coisas similares, mas sucumbem à magia de uma filosofia metafísica; por fim, esta também se tona desacreditada; a arte parece, ao contrário, cada vez mais confiável, de modo que, durante algum tempo, a

¹⁵ *Humano, demasiado humano*, I, 1

¹⁶ Id..246; em: KSA vol. 2: p. 205.

metafísica apenas pode permanecer e seguir vivendo numa espécie de transmutação em arte, ou numa disposição artístico-transfiguradora. Todavia, o senso científico se toma cada vez mais imperioso e conduz o homem para a ciência natural, a história e, nomeadamente, para os mais severos modos de conhecimento, ao passo que á arte é atribuída uma significação cada vez mais leve e despreziosa. Isso tudo costuma ocorrer agora nos primeiros 30 anos de um homem. E a recapitulação de uma tarefa para a qual a humanidade trabalhou sobre si durante talvez 30 mil anos".¹⁷

Pode-se afirmar, considerando o nível de generalidade exigido por esta apresentação, que os dois livros publicados a seguir — *Aurora: Pensamentos Sobre os Preconceitos Morais* (1881) e *A Gaia Ciência* (1882) — permanecem sob a influência do mesmo espírito intelectualista que descrevemos como característico do segundo período da filosofia nietzscheana.¹⁸

AURORA E A GAIA CIÊNCIA

Em *Aurora*, Nietzsche lança mão cia penetração psicológica, do rigor de sua filosofia histórica, para escavar o campo da moralidade e da religião, com o propósito de examinar as fundações sobre as quais foram erigidos os majestosos edifícios éticos da tradição ocidental. Esse trabalho de topeira no subsolo insalubre dos sentimentos morais visa trazer à superfície de um conhecimento livre de preconceitos as condições e os propósitos, as motivações inconfessáveis, que estão na origem dos valores éticos prtensamente absolutos. Trata-se de um livro marcado por uma disposição de ânimo ao mesmo tempo grave e libertária: um livro das profundezas sombrias, que aspira pela luz da superfície.

Nele Nietzsche se considera a si mesmo representante e legítimo herdeiro da tradição metafísica ocidental; trata-se, porém, daquele herdeiro em cujo pensamento essa tradição tomou consciência de si, por meio do conhecimento de sua própria origem. For isso, ela não pode mais se furtar á confissão franca das condições problemáticas de surgimento de seus valores mais elevados. A honestidade intelectual,

¹⁷ Id., 272; p. 224s.

¹⁸ Aqui seria impossível excluir o livro *V A Gaia Ciência*, escrito em 1886 e acrescido à obra na segunda edição, ocorrida naquele ano. Tanto cronológica quanto tematicamente, esse livro *V A Gaia Ciência* pertence ao terceiro

característica da moderna consciência científica, é a instância que impõe, como um dever, a tarefa paradoxal de superar as formas e valores da moralidade ocidental. *Aurora* sugere, pois, o surgimento de uma nova luz para a humanidade, um novo tempo, que pode sonhar com a esperança brotada da liberdade espiritual.

A Gaia Ciência (1882), por sua vez, pode ser considerado um livro que, mesmo ainda permanecendo no interior da "filosofia para espíritos livres", já anuncia a transição para a terceira etapa do filosofar nietzscheano. Nele permanece dominante a perspectiva de valorização da racionalidade científica, mas de uma ciência alegre ("gaia"), que pode se dar ao luxo intelectual de percorrer, com graça e leveza, os caminhos mais pedregosos, levar sobre os ombros os mais penosos fardos de nossa tradição, sem negatividade ou rancor, esforçando-se por multiplicar as perspectivas, para poder compor uma imagem mais plena das coisas, embora nunca total.

Em *A Gaia Ciência* - ao lado dos temas sempre presentes na filosofia de Nietzsche, como a crítica do conhecimento, da arte, da religião, da metafísica e da moral —, pode-se perceber claramente um aprofundamento e intensificação das preocupações pedagógicas, a intenção de organizar o pensamento de forma tal que uma leitura conveniente da obra seja o caminho para a libertação suprema. Para esse leitor ideal, o livro não visa ensinar uma doutrina; sua lição fundamental é a responsabilidade do pensamento independente. O mestre é aqui, sobretudo, aquele que prepara o discípulo para abandoná-lo, para que este empreenda por si mesmo a aventura do espírito.

A filosofia dos espíritos livres se toma, em *A Gaia Ciência*, uma ascese e preparação para o surgimento da personalidade autêntica que, pela disciplina crítica, aprendeu a discriminar entre as necessidades e aspirações que brotam de sua natureza singular e aquelas que lhe são impostas do exterior, afastando-a do caminho que a poderia conduzir a *si mesma*. Nietzsche acredita que esse caminho está reservado apenas para aqueles poucos que têm a ousadia de pensar e responder por si próprios.

5. A DERRADEIRA FILOSOFIA, OU COMO TORNAR-SE O QUE SE É

Publicado em quatro partes, entre 1883 e 1885, *Assim Falou Zaratustra: um Livro Para Todos e Para Ninguém* é o trabalho de Nietzsche que mais dificuldades apresenta à interpretação. Nele os ensinamentos e experiências do personagem-título são apresentados como um drama em prosa, em cuja narrativa se combinam os mais variados elementos estéticos de gênero, forma e estilo. Nietzsche explora ao infinito a rítmica, a sonoridade e os matizes da língua alemã, ao mesmo tempo que recorre à encenação teatral, a formas diversas de narração, à poesia, ao canto, à dança, à sátira e à paródia, assim como, sobretudo, à "intertextualidade". Esse procedimento consiste, no caso de Nietzsche, em criar novas e surpreendentes significações, a partir da apropriação seletiva de textos consagrados pela tradição, ou até mesmo de argumentos de adversários, deslocando-lhes o sentido original.

Assim Falou Zaratustra condensa efetivamente todos os focos de interesse que constituem o âmago do pensamento de Nietzsche: a desconstrução da metafísica, a denúncia da hipocrisia moral, as preocupações com a educação, a política e o destino da cultura, a crítica do Estado.

O livro contém passagens que, desde seu aparecimento, pertencem ao acervo clássico da filosofia moderna. Alguns fragmentos são o bastante para ilustrar sua riqueza; num deles, Nietzsche faz implodir o dualismo metafísico que separa corpo e alma, matéria e espírito:

"O corpo é uma grande razão, uma pluralidade dotada de *um* sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor.

Instrumento de teu corpo é também tua pequena razão, meu irmão, a que chamas 'espírito', um pequeno instrumento e um pequeno brinquedo de tua grande razão. Instrumentos e brinquedos são o sentido e o espírito; por detrás deles está, porém, o si mesmo (*Selbst*). Por detrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, encontra-se um soberano poderoso, um sábio desconhecido — ele se chama si mesmo. Em teu corpo

habita ele, ele é o teu corpo".¹⁹

Em outro fragmento, Nietzsche condensa suas idéias acerca da vocação pedagógica, essencialmente crítica, de sua filosofia. Seus esforços deverão confluír para o cultivo da personalidade autêntica: "Meu irmão! Queres caminhar para a solidão? Queres procurar o caminho que conduz a ti mesmo? Detém-te um pouco e escuta-me. 'Aquele que procura, facilmente se perde a si mesmo. Todo partir para a solidão é culpa – assim fala o rebanho. E tu fizeste parte do rebanho durante muito tempo. A voz do rebanho continuará ressoando dentro de ti. Queres, porém, percorrer o caminho de tua tribulação, que é o caminho para ti mesmo? Mostra-me, então, teu direito e tua força para fazê-lo".²⁰

No *Zaratustra*, com a intransigência do profeta, Nietzsche reedita sua crítica a todas as esferas da tradição cultural. O personagem central da obra se faz porta-voz de doutrinas fundamentais para o futuro do homem: a *vontade de poder*, o *eterno retorno do mesmo* e o *além-do-homem*.²¹ A ação combinada desses três ensinamentos deverá produzir o desmascaramento e a ruína da hipocrisia que caracteriza a cultura moderna. Por essa razão, o livro pode ser compreendido como uma das mais estridentes recusas dos valores e idéias de que se orgulha o homem moderno. Para ele, Nietzsche cunha a denominação sarcástica "o último homem".

O último homem simboliza a modernidade, que considera a si mesma o ponto mais avançado do desenvolvimento histórico da humanidade, acreditando que a finalidade dessa história consistia precisamente na chegada do moderno. Orgulhoso de sua cultura e formação, que o elevaria acima de todo passado, o último homem crê na onipotência de seu saber e de seu agir.

Para Zaratustra, entretanto, o último homem representa o mais inquietante rebaixamento de valor do ser humano, a transformação do homem numa massa impessoal de seres uniformes. O bem supremo almejado pelo último homem – sua concepção de felicidade – é uma combinação de mediocridade, conforto, bem-estar, ausência de sofrimento e grandeza:

"Que é amor? Que é criação? Que é nostalgia? Que é estrela? – Assim

¹⁹ Assim falou Zaratustra, I, "Dos desprezadores do corpo".

²⁰ Id. "Do Caminho do criador".

²¹ O termo original empregado por Nietzsche é *Übermensch*, que também costuma ser traduzido por "super-homem". Preferimos a tradução proposta por Rubens Rodrigues Torres Filho: *Obras Incompletas*, op. cit., p. 236 s. As razões da

pergunta o último homem, e pisca os olhos. A Terra se tomou pequena, então, e sobre ela saltita o último homem, que toma tudo pequeno. Sua estirpe é indestrutível, como a pulga; o último homem é o que vive mais tempo. 'Nós inventamos a felicidade' – dizem os últimos homens, e piscam os olhos. Nenhum pastor e um só rebanho! Todos querem o mesmo, todos são iguais. Quem sente de outra maneira vai voluntariamente para o hospício. Temos nosso prazerzinho para o dia e nosso prazerzinho para a noite, mas prezamos a saúde. 'Nós inventamos a felicidade', dizem os últimos homens, e piscam os olhos".²²

O além-do-homem

Além-do-homem é um conceito que só pode ser corretamente apreendido *em antagonismo* com a figura do último homem, pois ele constitui um contra-ideal da tendência ao nivelamento e à uniformização que, para Nietzsche, caracteriza a moderna sociedade de massa. Para ele, o homem pode ser visto não como um fim – como o deseja o *último* homem –, mas como um meio para conquistar possibilidades mais sublimes de existência.

"Eu vos ensino o além-do-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que tendes feito para superá-lo? Todos os seres até agora criaram algo acima deles próprios: quereis vós ser o refluxo dessa grande maré e retroceder ao animal, ao invés de superar o homem? Que é o macaco para o homem? Uma zombaria e uma dolorosa vergonha. E justamente isso é o que o homem deve ser para o além-do-homem: uma zombaria e uma dolorosa vergonha. O homem é uma corda estendida entre o animal e o além-do-homem – uma corda sobre o abismo. Um perigoso passar para o outro lado, um perigoso caminhar, um perigoso olhar para trás, um perigoso estremecer e parar. A grandeza do homem está em ser ele uma ponte, e não um fim: o que se pode amar no homem é que ele é uma passagem e um crepúsculo."²³

Essa perigosa travessia que conduz do animal ao além-do-homem só pode ser empreendida pelo homem moderno renunciando ao conformismo de sua mediocridade e auto-satisfação. Fixar o além-do-homem como alvo de sua nostalgia é uma tarefa á

escolha se esclarecerão abaixo.

²² Assim falou Zarathustra. Prólogo.

²³ Id. p. 14 e 16.

qual a humanidade só pode ser conduzida por intermédio dos dois outros ensinamentos de Zaratustra: a *vontade de poder* e o *eterno retorno*. Para Nietzsche, Schopenhauer tivera razão quando identificou na Vontade o elemento fundamental em todo o universo. Todavia, do ponto de vista de Nietzsche, ela não pode ser pensada, como ainda o fizera Schopenhauer, como um ímpeto cego, desprovido de finalidade. Se é a Vontade que determina o surgimento e a transformação de todo estado de coisas do universo, tal Vontade possui uma qualidade fundamental: ela é *vontade de poder*.

A vontade de poder

"Onde encontrei um ser viveu te, lá encontrei vontade de poder. E este mistério segredou-me a própria vida: 'Veja', disse ela, 'eu sou aquela que *sempre tem de superar a si mesma*'. " Essa superação, a humanidade a realiza por meio das "tábuas de valor", que traçam o rumo para o trabalho civilizatório dos povos: "Muitos países viu Zaratustra, e muitos povos: dessa maneira, ele descobriu de muitos povos o Bem e o Mal. Zaratustra não encontrou sobre a terra nenhum poder maior do que Bem e Mal. Uma tábua de valores está suspensa sobre cada povo. Olha, é a tábua de suas superações; olha, é a voz de sua vontade de poder".²⁴

Para que o homem moderno possa ainda criar para além dele mesmo, é necessário que se aproprie dessa natureza, ou seja, de sua vontade de poder. Somente desse modo poderá realizar aquilo que, por meio dele, constitui o fervoroso desejo da vida: superar-se a si mesmo, rompendo a camisa-de-força em que a encerrou a moderna civilização ocidental — a rigidez da *autoconservação* a qualquer custo.

Todavia, para que o homem moderno possa corresponder a esse desejo íntimo da vida e se colocar em sintonia com ela, é antes de tudo necessário que tenha se libertado daquele ressentimento que lhe foi inoculado pela tradição metafísica: o desprezo pela vida, pela terra, pelo mundo, pelo corpo, pelo vir-a-ser, por tudo aquilo que foi até agora caluniado em nome do "verdadeiro mundo". Somente quando sua existência terrena puder deixar de ser vivida sob a ótica do juízo e da condenação, como padecimento e expiação, como *ascese*, pela qual se conquista a felicidade eterna; somente

²⁴As duas citações se referem, respectivamente a: Assim Falou Zaratustra, segunda parte. "Da Auto-superacão", e primeira parte. "Das Mil Metas e da Única Meta".

então poderá o homem instituir para si um ideal que seja também o *sentido da terra*, liberto da fantasia transcendente de um além-do-mundo, com a qual ele entorpece a dor de sua finitude, tragédia de sua existência.

O eterno retorno

Somente quando o sofrimento não for mais vivido como uma objeção contra a vida e um motivo para condená-la é que o homem poderá superar seu desejo de um além metafísico e seu rancor contra a passagem do tempo. Somente dessa maneira a totalidade da vida poderá ser assumida, sem acréscimos ou subtrações, com todas as suas misérias e êxtases firmemente encadeados entre si, pois eles se condicionam mutuamente e aquele que deseja, de fato, as venturas não pode amputar as dores do mundo.

O ensinamento que conduz a essa forma de superação é o eterno retomo do mesmo. Não se trata de mera aceitação resignada dos acontecimentos do destino, mas de afirmação incondicional, que aceita e bendiz cada instante vivido. For meio desse ensinamento, o homem deve aprender a agir como se a mais ínfima de suas ações devesse se repetir eternamente, de maneira a dar á sua própria existência a bela forma da obra de arte. O eterno retorno é a lição que imprime ao instante o selo da eternidade.

Se para seu grande precursor, o filósofo Baruch de Spinoza (1632-77), o conhecimento verdadeiro conduzia ao amor intelectual de Deus, para Nietzsche o ensinamento do eterno retomo leva ao *amor do destino (amor fati)*.

"E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: 'Esta vida, assim como tu a vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de retomar, e tudo na mesma ordem e seqüência - e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez - e tu com ela, poeirinha da poeira!'- Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal em que lhe responderias: 'Tu és um deus, e nunca ouvi nada mais divino!'"

Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como és, ele te transformaria e talvez te triturasse; a pergunta, diante de tudo e de cada coisa: 'Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?', pesaria como o mais pesado dos pesos sobre teu agir! Ou então, como terias de ficar bem contigo mesmo e com a vida, para não *desejar nada mais* do que essa última, eterna confirmação e chancela?"²⁵

Até ser completamente ensombrecido pelo colapso mental que o abateu no início de 1889, Nietzsche não conseguiu se restabelecer totalmente da amarga experiência que significou, para ele, o silêncio total que se seguiu à publicação de *Assim Falou Zaratustra*. A obra não teve sequer a ínfima parcela da repercussão que dela esperava seu autor, e não houve nem uma recepção negativa por parte de amigos e conhecidos nos quais o filósofo depositava ainda alguma esperança. Nietzsche a concebera em tal grau de expectativa que ele a considerava um "quinto Evangelho", ou Antievangelho. No entanto, a obra foi praticamente ignorada durante a vida de seu autor. Pode-se afirmar que o sofrimento causado por esse silêncio constitui a raiz da preocupação obsessiva de Nietzsche para esclarecer e explicitar as idéias fundamentais de *Assim Falou Zaratustra*.

PARA ALEM DE BEM E MAL

As duas obras subseqüentes, *Para Além de Bem e Mal* (1886) e *Para a Genealogia da Moral* (1887), são os principais testemunhos da tentativa de divulgar, como uma espécie de glossário conceitual, os temas e problemas do *Zaratustra*. No primeiro deles, Nietzsche expõe sua hipótese de interpretação global da existência com base na perspectiva fornecida pelo conceito de vontade de poder.

Opondo-se ao mecanicismo e a todo positivismo²⁶ que almeja explicar os fenômenos da natureza a partir de um conjunto de leis gerais, Nietzsche contesta até mesmo a legitimidade de pretender obter um *conhecimento objetivo* dos fenômenos da natureza. Todos os fenômenos do universo seriam explicáveis a partir não de leis naturais, mas do conceito de vontade de poder. O mundo visto por dentro, dirá provocativamente Nietzsche, seria vontade de poder, e nada além disso. Sendo assim,

²⁵ *Gaia Ciência*. IV, 341

²⁶ Doutrina filosófica que pretende rejeitar a metafísica e fundamentar o conhecimento unicamente em fatos e leis observáveis.

também o próprio conhecimento seria expressão da vontade de poder e, portanto, nada de imparcial, de objetivo, de constatação e organização lógica de uma lei natural.

"Perdoem este velho filólogo, que não pode resistir á maldade de pôr o dedo sobre más artes de interpretação: mas aquela 'legalidade da natureza de que vós físicos falais com tanto orgulho só subsiste graças a vossa interpretação e 'filologia ruim – não é nenhum estado de coisas, nenhum 'texto', mas somente um arranjo ingenuamente humanitário e uma distorção de sentido, com que dais plena satisfação aos instintos democráticos da akna moderna! 'For toda parte igualdade diante da lei – nisso a natureza não é cie outro modo, nem está melhor do que nós.' Mas, como foi dito, isso é interpretação, não texto; e poderia vir alguém que, com a intenção e a arte opostas, soubesse, na mesma natureza e tendo em vista os mesmos fenômenos, decifrar precisamente a imposição tiranicamente irreverente e inexorável de reivindicações de potência que, contudo, terminasse por afirmar deste inundo o mesmo que vós afirmais, ou seja, que tem um decurso 'necessário' e 'calculável', mas *não* porque nele reinam leis, mas porque absolutamente *faltam* as leis, e cada potência, a cada instante, tira sua última conseqüência. Posto que também isto seja somente interpretação - e sereis bastante zelosos para fazer essa objeção? -, ora, tanto melhor! "²⁷

PARA A GENEALOGIA DA MORAL

Para a Genealogia da Moral talvez seja o livro mais conhecido de Nietzsche. Nessa obra, ele aprofunda e consolida a crítica da moral levada a efeito em seus escritos anteriores, especialmente em *Humano, Demasiado Humano* e *Aurora*. No entanto, Nietzsche está convencido de possuir agora maior maturidade e uma linguagem especial para os problemas que formulara antes. Principalmente, acredita ter fornecido agora ao método genealógico uma dimensão especial. A genealogia nietzscheana não se contenta mais apenas com uma abordagem histórica dos sentimentos e conceitos morais. A gênese histórica é tarefa preparatória para uma questão mais incisiva, mais radical: aquela que se pergunta pelo próprio *valor* dos valores e avaliações da moral tradicional.

"Necessitamos uma *critica* dos valores morais, é *necessário* colocar alguma vez em

²⁷ Para além do bem e do mal, aforismo 22.

questão o próprio valor desses valores -e para isso se tem necessidade de ter conhecimento das condições e circunstâncias das quais surgiram aqueles valores, nas quais se desenvolveram e modificaram (a moral como conseqüência, como sintoma, como máscara, como tartufaria, como enfermidade, como mal-entendido; mas também a moral como causa, como remédio, como estímulo, como freio, como veneno), um conhecimento que não existiu até agora, nem sequer foi desejado."²⁸

Nas três dissertações que compõem esse livro polêmico, a gênese da moral ocidental é enfocada de perspectivas distintas. Nelas Nietzsche antecipa muitas das mais importantes conquistas teóricas da psicanálise de Freud, especialmente quando descreve a genealogia da consciência moral. A segunda dissertação desenvolve a tese nietzscheana de acordo com a qual a cultura superior, com as severas figuras de moralidade que lhe são características, não pode ser entendida senão como o processo de internalização e espiritualização da crueldade. "Todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* — é isso que eu denomino *interiorização do homem*: é somente com isso que cresce no homem aquilo que mais tarde se denomina sua 'alma'." ²⁹

Decadência e niilismo

Também em *Para a Genealogia da Moral* aflora um par de conceitos que será de imensa importância para o conjunto inteiro dos demais escritos de Nietzsche, todos de 1888. São os conceitos de *decadência* e *niilismo*, que desempenham uma função central não só em *O Crepúsculo dos ídolos*, *O Anticristo* e *Ecce Homo*, mas também nos dois ensaios psicológicos sobre Richard Wagner: *O Caso Wagner* e *Nietzsche contra Wagner*.

Nesses escritos, Nietzsche interpreta a história da cultura moderna como escalada do niilismo. Este, por sua vez, deve ser entendido como um sentimento opressivo e difuso, próprio às fases agudas de ocaso de uma cultura. O niilismo seria a expressão afetiva e intelectual da decadência. Por meio dele, o homem moderno vivência a perda de sentido dos valores superiores de nossa cultura. Por essa ótica, niilismo seria o sentimento coletivo de que nossos sistemas tradicionais de valoração,

²⁸ Para a Genealogia da Moral, Prefácio VI.

²⁹ Id., II, 15.

tanto no plano do conhecimento, quanto no ético-religioso, ou sociopolítico, ficaram sem consistência e já não podem mais atuar como instâncias doadoras de sentido e fundamento para o conhecimento e a ação.

Sintomas desse estado de prostração podem ser detectados, segundo Nietzsche, em todos os setores da moderna vida social: na arte, plenamente instrumentalizada para fins de entretenimento, ou, como o chamaríamos atualmente, capturada nos circuitos da indústria cultural; na política e na educação, empenhadas em estabelecer e perpetuar um ideal de homem completamente adaptado aos modos de produção e reprodução de uma sociedade de massas; na moral, na ciência e na filosofia, que se tomaram expressões ideológicas desse desejo de rebaixamento e nivelação da humanidade, agenciado em escala planetária.

Esse movimento de decadência pode ser caracterizado não como um estado permanente, mas como um processo, que pode durar milênios. Um de seus traços mais característicos consiste em que ele inviabiliza a instauração de um contra-ideal, expressão de um movimento ascendente de vida. A decadência se manifesta sobretudo como ausência de coesão orgânica, como independência e destruição recíproca de elementos e funções, cuja ação conjunta constitui o princípio de unidade na vida de um povo ou cultura. Por essa razão, o traço característico da sociedade moderna é o dilaceramento e a autonomização de seus segmentos constitutivos, o individualismo patológico, que a torna incapaz de se integrar numa totalidade viva, a partir de um projeto ético comum.

É principalmente nos trabalhos regidos pelo par decadência/niilismo que Nietzsche se propõe fazer o diagnóstico dessa condição enferma da moderna Europa. É nesse contexto também que se explicita sua crítica da modernidade política. Nesses escritos, Nietzsche diagnostica os movimentos sociais que marcam a história recente da Europa — tais como o desenvolvimento do socialismo e manifestações mais violentas e radicais de anarquismo — como aprofundamentos de um processo de decadência de valores e instituições que teria tido origem na Reforma e na Revolução Francesa, e aos quais ele contrapõe seu próprio entendimento de ação política. A este, Nietzsche dá o nome "Ciranda Política", pensada em oposição ao acelerado processo de mediocrização da humanidade e banalização da existência ("pequena política").

O termo "política" tem, nesse contexto, um amplo horizonte de significação. A

tarefa consiste na criação das condições propícias ao surgimento de novos filósofos, que tenham força e intrepidez suficientes para esculpir a figura futura do humano. Esses filósofos do futuro – experimentados em todas as formas de auto-superação – terão deixado para trás a impotência do homem moderno em romper as amarras de moralismo e criar novos valores, como os "legisladores para os próximos milênios". A tão discutida figura do aristocrata – a que Nietzsche dedica um dos capítulos de *Para Além de Bem e Mal* - deve ser interpretada sobretudo na direção dessa tresvaloração³⁰ do ideal platônico do filósofo legislador.

Essa "Cirande Política" seria a legítima herdeira do que ainda restaria de forças vivas e potencialidades de grandeza em nossa civilização ocidental, de que teríamos exemplo na Grécia pré-socrática e no Renascimento. Em oposição á mediocridade dos nacionalismos políticos, bélicos ou econômicos, essa "política" teria como alvo a *unidade cultural* da Europa; sua figura-símbolo seria, para Nietzsche, a dos *bons europeus*.

Se, como perda de sentido e valor, o niilismo anuncia o crepúsculo do projeto sociocultural da modernidade, então a tarefa que Nietzsche atribui á sua "Grande Política" está necessariamente ligada a uma *tresvaloração de todos os valores*.

O ANTICRISTO

As formas de avaliação que sempre foram determinantes para o destino atual de nossa cultura se revelam como o contrário do que aparentam ser: não degraus para o crescimento do homem, mas forças comprometidas com um projeto coletivo de amesquinamento das condições nas quais poderia prosperar, mais uma vez, a vida humana na Terra. E por esse caminho que se compreende como a tresvaloração de todos os valores está essencialmente vinculada ao livro *O Anticristo*. Para Nietzsche, o cristianismo – em sua associação com o platonismo – constitui a matriz de onde procedem todos os valores cardeais da civilização européia. Se a condição atual de nossa cultura é marcada pelo niilismo, a possibilidade de sua redenção seria vislumbrada a partir de uma inversão dos valores fundamentais dessa mesma cultura. Se ela se caracteriza, sobretudo, por ser uma cultura gerada e nutrida pelo cristianismo, sua superação seria a tarefa própria de *O Anticristo*.

³⁰ Em suas traduções de obras de Nietzsche, Paulo César de Souza emprega o termo "tresvaloração" para traduzir *Umwertung* que significa inversão, reversão. A tradução sugere o movimento não apenas de inverter uma posição anteriormente dada, mas também de ultrapassá-la, superá-la.

Com essa autodesignação polêmica e provocativa, Nietzsche se pretende definir menos como inimigo do Cristo do que inimigo do cristianismo dogmático, tomado instituição e secularizado como doutrina filosófica, moral e política. Por essa razão, praticamente às vésperas de sua síncope mental, Nietzsche reformulou inteiramente seus projetos editoriais, identificando *O Anticristo* com a própria obra *Tresvaloração de Todos os Valores*, de que originariamente ele seria apenas a primeira parte.

Nietzsche destinou duas obras concluídas nesse mesmo ano de 1888 para servir de preparação à publicação de *O Anticristo*. *O Crepúsculo dos ídolos* e *Ecce Homo* teriam, antes de tudo, o objetivo de orientar o público filosófico para a leitura e compreensão de *O Anticristo*. As futuras gerações seriam conduzidas, por elas, à condição de poder avaliar a profundidade e o significado histórico mundial dessa última obra, como se pode ler na seguinte passagem de *Ecce Homo*:

"Conheço a minha sina. Um dia, meu nome será ligado á lembrança de algo tremendo — de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciência, cie uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, querido. Eu não sou um homem, sou dinamite".³¹

Nietzsche considerava, pois, até o fmal de sua vida lúcida, que o silêncio que pairava sobre sua obra não era casual. Sabia que nascera póstumo. Sabia que sua obra seria necessariamente fonte de mal-entendidos e apropriação indébita por parte de seus contemporâneos.

Por isso, sua confiança e sua esperança estavam nos leitores filosóficos do futuro. No crepúsculo de sua razão, importava-Uie, sobretudo, não ser confundido com uma caricatura daquilo que vivera e pensara. Daí o grito com que inicia sua autobiografia intelectual: "Prevendo que dentro em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada, parece-me indispensável dizer *quem sou*. Nestas circunstâncias existe um dever, contra o qual no fundo rebelam-se os meus hábitos, e mais ainda o orgulho de meus instintos, que é dizer: *Ouçam-me! Pois eu sou tal e tal. Sobretudo não me confundam!*"³²

³¹ *Ecce Homo*. "Por que sou um destino", 1. Trad Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 1995, p.109.

³² Id. Prólogo, 1.

6. BREVE HISTÓRIA DA RECEPÇÃO DA OBRA DE NIETZSCHE

A recepção da obra de Nietzsche, durante o período intelectualmente ativo da vida do filósofo, foi bastante modesta e, ainda assim, só se iniciou (significativamente) às vésperas da crise que o acometeu.

O Nietzsche-Archiv: Nietzsche e o nazismo

Uma primeira recepção, em grande estilo, coincide com os trabalhos do Nietzsche-Archiv, fundado pela irmã do filósofo em 1894. Elisabeth Förster-Nietzsche, auxiliada por colaboradores (como, por exemplo, o filólogo Richard Oehler e o amigo e discípulo Peter Gast), pôs em movimento uma intensa campanha de divulgação da obra de Nietzsche, com o propósito de trazer à luz sua importância decisiva para o pensamento mundial. Förster-Nietzsche e seus colaboradores, então, procederam de forma injustificável reunindo manuscritos de Nietzsche sob a rubrica de temas arbitrários.

São fragmentos e manuscritos oriundos de períodos e contextos heterogêneos. Com base nesse procedimento, publicaram duas edições (uma em 1901 e outra em 1911) de um livro apócrifo, intitulado *A Vontade de Poder*, que deveria conter, segundo a versão oficial do Nietzsche-Archiv, a essência e a verdade do pensamento definitivo de Nietzsche.

Hitler ascende ao poder em 1933 e, desde então, se intensifica a colaboração entre o Nietzsche-Archiv, em Weimar, e o programa cultural do Partido Nacional-Socialista. Do lado do Arquivo, a obra de Nietzsche é mutilada e falsificada, para ser apresentada ao público como prenúncio filosófico do pangermanismo e do anti-semitismo. Do lado do Partido Nacional-Socialista, tratava-se de poder transformar o voluntarismo obscurantista e criminosamente totalitário do nazifascismo numa espécie de destino de grandeza do povo alemão, com auxílio de um clássico da filosofia ocidental. Essa colaboração se estreitou a ponto de ter sido possível pleitear financiamento, junto aos ministérios nazistas da educação e cultura, para uma

megaedição dos escritos completos de Nietzsche.³³

A história do Nietzsche-Archiv e da singular trajetória de Elisabeth Förster-Nietzsche como sua idealizadora e gestora constitui um capítulo curioso. Por meio dela, o filósofo acabou sendo transformado no que tão intransigentemente combateu. O que restava do triturador de ídolos, que a santo preferia ser considerado bufa o, tomou-se mistificado objeto de idolatria. Em 1933, por ocasião de seus 50 anos, Benito Mussolini recebeu da direção do Nietzsche-Archiv o seguinte telegrama: "Ao magnífico discípulo de Zaratustra, sonhado por Nietzsche; ao genial restaurador dos valores aristocráticos, no espírito de Nietzsche, envia o Nietzsche-Archiv, em profundíssima veneração e admiração, os mais fervorosos votos de felicidades".

Finda a Segunda Guerra, o Nietzsche-Archiv foi fechado pelas autoridades da antiga República Democrática Alemã, tendo passado a fazer parte, juntamente com a totalidade do espólio filosófico de Nietzsche, do patrimônio da fundação Weimarer-Klassik. O Nietzsche-Archiv permaneceu fechado, e a investigação dos manuscritos ficou proibida até 1954?³⁴

Heidegger e outros comentadores

Mas a recepção alemã de Nietzsche nunca se deixou absorver inteiramente pela propaganda do Nietzsche-Archiv. Mesmo na época de sua plena atuação, não se poderia deixar de mencionar as interpretações de Karl Löwith, Karl Jaspers e, sobretudo, Martin Heidegger, a qual foi – e continua sendo – extraordinariamente fecunda nas mais distintas vertentes de reflexão.

Heidegger se ocupou com o estudo do pensamento de Nietzsche por um período que vai do final dos anos 30 a meados dos anos 50. A publicação de seus estudos constitui um divisor de águas e uma referência obrigatória para qualquer interpretação da obra de Nietzsche. Segundo Heidegger, Nietzsche é o filósofo em cujo

³³ Da imensa literatura a respeito dessa colaboração, podem-se indicar quatro textos de Grande relevância: H. Ottmann. *Philosophie und Politik bei Nietzsche* (Berlin. New York: De Gruyter, 1987). B. Taureck, *Nietzsche und der Faschismus* (Hamburg, 1989). A. Munster, *Nietzsche et le Nazisme* (Paris: Éditions Kimé, 1995). M. Montinari, "Interpretações Nazistas", trad. Dion David Machado: em: *Cadernos Nietzsche*, 7; p. 55-77.

³⁴ Com a reunificação alemã em 1989, depois de longo trabalho de planejamento que envolveu especialistas em Nietzsche de diversas partes do globo, consolidou-se a idéia de um centro internacional de pesquisa. Inaugurado em outubro de 1999, o Friedrich Nietzsche-Kolleg tem como sede as dependências do antigo Nietzsche-Archiv. Dos escombros do Arquivo emerge, então, em autentico espírito nietzscheano, uma *casa para os espíritos livres*.

pensamento a metafísica é conduzida aos limites extremos de sua possibilidade. Ao mesmo tempo que representa o extremo aprofundamento e radicalização da metafísica – levando à sua consumação e esgotamento -, Nietzsche seria também um preparador de terreno para sua superação.

Na França, por volta de 1930, pensadores reunidos em torno da revista *La Acéphale*, como Georges Bataille e Pierre Klossowski, dão início a um intenso e bem-sucedido trabalho de denúncia das falsificações empreendidas com fins ideológicos pela atividade editorial do Nietzsche-Archiv, liberando o pensador da pesada acusação que lhe fora imputada (entre outros, pelo filósofo marxista George Lukács) de ser um profascista.

Também Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin, pensadores da assim chamada Escola de Frankfurt, são responsáveis por uma interpretação da obra de Nietzsche que ressalta seu potencial emancipatório e sua importância para a compreensão dos movimentos culturais e políticos que determinaram os destinos da sociedade ocidental contemporânea.

Nos Estados Unidos, nos anos 50, Walter Kaufmann representa uma linha de interpretação da obra de Nietzsche que, plantando raízes na tradição filosófica anglo-saxônica, se coloca à altura do que de melhor se produz na tradição hermenêutica do pensamento filosófico da Europa continental.

Nietzsche e o pós-moderno

A partir de 1968 tem início um período de mais elevada importância para a história da recepção do pensamento de Nietzsche. O inconformismo de sua filosofia ganha ascendência decisiva para autores como Gilles Deleuze, Michel Foucault, Jacques Derrida e Jean-François Lyotard, em cuja interpretação o "nomadismo" do pensamento de Nietzsche, sua resistência a toda tentativa de cooptação pacificadora, faz dele uma espécie de arauto da contracultura, da pós-modernidade. Sabe-se a enorme influência que esses autores da assim chamada geração pós-68 exerceram e ainda exercem sobre a intelectualidade mundial.

A edição histórico-crítica de Colli e Montinari

Coube a dois filósofos italianos o feito de ter mudado definitivamente os rumos dos trabalhos sobre Nietzsche. No final dos anos 60, Giorgio Colli e Mazzino Montinari começam a publicar edição histórico-crítica de todos os escritos (póstumos e inéditos) de Nietzsche. Guiados por rigorosos critérios histórico-filológicos, os editores dispuseram em estrita ordem cronológica a massa dos fragmentos póstumos inéditos, filosoficamente relevantes, de maneira a restituir aos manuscritos a integridade que fora rompida pelas manipulações nas edições anteriores.

Um trabalho editorial dessa magnitude jamais fora realizado nem mesmo pela memorável edição das obras de Nietzsche organizada pelo filósofo Karl Schlechta nos anos 50, unia publicação notável, a primeira a ter denunciado a fraude editorial de *A Vontade de Poder*. A edição de Nietzsche por Schlechta só foi suplantada pela edição histórico-crítica de Colli e Montinari. Estes recuperaram também um considerável acervo de textos importantes que, por motivos inconfessáveis, haviam sido subtraídos à publicação pelos diretores do Nietzsche-Archiv ou, então, publicados apenas parcialmente.

Como consequência desse trabalho, abrem-se novas e amplas perspectivas de interpretação para os escritos de Nietzsche, na medida em que se pode agora, a partir da revelação das deformações, resgatar para a filosofia nietzscheana sua expressão autêntica. Com base nos resultados da edição histórico-crítica de todos os escritos do filósofo – inclusive das cartas – recrudescer a polêmica em torno do livro apócrifo *A Vontade de Poder*. Para a maioria dos intérpretes atuais, esse livro é editorial e filosoficamente irresponsável.

Existem duas versões da chamada edição Colli/ Montinari. Uma delas é denominada *Kritisches Gesamtausgabe (KGW)*, edição ainda em curso, contando atualmente cerca de 40 volumes em nove seções. A KGW deverá incluir, além das obras publicadas pelo próprio Nietzsche, todos os escritos póstumos filosoficamente relevantes, dispostos em ordem cronológica e editados de acordo com o estudo dos manuscritos. A *Kritische Studienausgabe (KSA)*, 15 volumes, reproduz literalmente a KGW, mas não inclui todos os póstumos inéditos, apenas os escritos entre 1870 e 1889.

A KSA existe também em CD-ROM.

Em complemento à edição histórico-crítica, deverão ser lançados pela editora Walter de Gruyter, em meados de 2000, os dois primeiros volumes da publicação de *todos* os escritos e anotações de Nietzsche. Desta feita, não se trata da ordenação cronológica do material filosoficamente relevante, mas sim de todos os escritos, inclusive registros de ordem estritamente pessoal, como cálculos, listas de compras, memorandos etc.

Os Nietzsche-Studien

Nietzsche-Studien é o nome do mais importante periódico internacional que divulga artigos e ensaios escritos anualmente sobre a filosofia de Nietzsche. Até o ano passado, eram 27 volumes, publicados desde 1972.

Deve-se fazer menção também à série de monografias e textos da pesquisa sobre Nietzsche *Monographien-Reihe der Nietzsche-Forschung*. Essa série reúne trabalhos de maior extensão, livros que, na produção teórica internacional sobre a obra de Nietzsche, se destacam por sua qualidade.

A essas duas linhas de publicação, vinculadas à edição histórico-crítica das obras completas, estão associados os nomes de dois importantes filósofos contemporâneos, estudiosos da obra de Nietzsche: o alemão Wolfgang Müller-Lauter e o austríaco Jörg Salaquarda.

Nietzsche no Brasil

A recepção de Nietzsche no Brasil permanece um capítulo não escrito de nossa história das idéias filosóficas. Nietzsche foi lido entre nós tanto por teóricos do direito, quanto por médicos, psicólogos, literatos e artistas. O certo é que sua obra foi, desde cedo, objeto de atenção entre nós, nos extremos opostos do espectro ideológico. Se houve uma interpretação integralista, de Plínio Salgado, por exemplo, houve também a apaixonada recepção que lhe deram Monteiro Lobato e Oswald de Andrade e as vanguardas artísticas mais recentes, como, por exemplo, os tropicalistas e o artista plástico Hélio Oiticica.

Menção especial deve ser feita ao ensaio pioneiro de Antônio Cândido, "O Portador", originariamente publicado em 1946 num suplemento literário semanal de *O Diário de São Paulo*. Esse ensaio é um testemunho de que, mesmo em tempos da mais sombria detração ideológica do pensamento de Nietzsche, também houve no Brasil uma interpretação com horizontes ampliados, almejando recuperar o potencial libertário de sua filosofia.

Outra menção indispensável cabe ao magistério e à produção filosófica de Gerard Lebrun, que foram de grande importância para o estudo do pensamento de Nietzsche no Brasil. Dessa atividade resulta, em colaboração com Rubens Rodrigues Torres Filho, o volume dedicado a Nietzsche da coleção *Os Pensadores*, publicado em 1974 e até hoje instrumento indispensável de consulta.

Atualmente se encontra em curso, pela Companhia das Letras, um projeto de tradução e publicação de todas as obras editadas durante a vida lúcida de Nietzsche, ou por ele preparadas para publicação. A tradução está a cargo de Paulo César de Souza.

Em 1996, vinha à luz o primeiro número da série *Cadernos Nietzsche*, publicação do Grupo de Estudos Nietzsche, do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Trata-se de um periódico semestral, que se propõe a divulgar os melhores artigos e traduções produzidos no âmbito da pesquisa brasileira sobre a filosofia de Nietzsche, norteando-se pelos critérios editoriais dos *Nietzsche-Studien*.

Pode-se dizer que, no Brasil, o estudo aprofundado do pensamento de Nietzsche tem se desenvolvido consideravelmente nas últimas décadas, assim como tem se difundido o gosto pela leitura de seus textos. As circunstâncias indicam que a pesquisa atual sobre Nietzsche no Brasil se aproxima dos padrões acadêmicos que vigoram na Europa e nos Estados Unidos.

7. DADOS BIOGRÁFICOS

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844, na casa pastoral de Röcken, na Saxônia.

A perda do pai, falecido aos 36 anos de idade, quando Nietzsche tinha apenas cinco anos, produziu nele um impacto profundo. Mais tarde, associaria a causa da morte do pai (inflamação no cérebro) com os próprios males que o acompanharam ao longo da vida. Também a perda do irmão caçula deixou traços indeléveis, reforçando um pressentimento da morte precoce como destino dos homens da família.

Em 1858, ingressa no então famoso internato de Schulpforta, onde permanece até 1864. Em Schulpforta, Nietzsche continua a dar vazão a um intenso fascínio pela composição musical, experimentado desde tenra idade. No internato, incrementa-se um interesse pelo estudo da Antigüidade clássica grega e latina. Problemas com a saúde — dores de cabeça e dificuldades de visão —, que já o atormentavam na infância, intensificam-se durante esse período.

Para dar início ao ciclo universitário, matricula-se em teologia e filologia na Universidade de Bonn. Advém daí seu relacionamento com um dos mais renomados filólogos alemães do século 19, Friedrich Kitzsch, um dos principais responsáveis por sua formação. Data também desse período (1864-5) seu primeiro contato com a filosofia de Arthur Schopenhauer, que exerceria sobre ele uma influência marcante.

Muda-se para Leipzig em 1865, concentrando seus estudos em filologia, embora interessando-se também por filosofia. Nietzsche permanece aí de 1865 a 1867, publicando vários trabalhos de grande erudição.

De 1867 a 1868, às vésperas da guerra entre a Prússia e a França, Nietzsche cumpre voluntariamente o serviço militar. Tendo sofrido uma queda durante exercícios de equitação, afasta-se do serviço. Em 1869, aos 25 anos de idade, é indicado para ocupar a cátedra de filologia na tradicional universidade de Basileia, na Suíça.

A universidade de Leipzig lhe concede o título de doutor em filologia, mesmo sem ele ter defendido tese, com base na qualidade de seus trabalhos publicados. Desde o início de seu professorado em Basileia, Nietzsche estreita laços de amizade pessoal com Richard e Cosima Wagner. Durante um período relativamente longo de sua vida (até 1876), participaria, como militante filosófico, dos projetos artísticos de Wagner.

Em 1872, Nietzsche publica sua primeira grande obra, *O Nascimento da Tragédia*, cujo prefácio é dedicado a Wagner. No mesmo ano, como presente de Natal, dedica a Cosima Wagner o texto *Cinco Prefácios a Cinco Livros Não Escritos* (que permaneceu inédito).

A história da recepção da obra de Nietzsche tem início com o silêncio – um silêncio que reinou em torno de seus textos durante quase todo o período devida lúcida do autor. Com efeito, excetuando-se *O Nascimento da Tragédia*, a publicação de seus livros não foi um evento científico que repercutisse muito. Mesmo *O Nascimento da Tragédia*, embora tenha causado grande impacto na cena cultural alemã quando de seu lançamento, em 1872, recebeu uma acolhida predominantemente negativa. O livro foi visto como uma aventura irresponsável, uma mal disfarçada panfletagem dos empreendimentos de Wagner.

Mesmo a intervenção em defesa de Nietzsche, vinda do próprio Wagner e de alguns de seus amigos acadêmicos, teve pouca eficácia; e não evitou que ficasse arranhada a reputação científica do filósofo.

A publicação de suas demais obras exerceu tão pouca influência sobre a discussão filosófica alemã que Nietzsche sempre se considerou perseguido pela propaganda anti-semita, sobretudo proveniente dos arraiais wagnerianos, depois do rompimento com o compositor, a partir de 1878.

Os problemas de saúde se intensificam em meados dos anos 70. A visão piora em ritmo preocupante, e fortes dores de cabeça acompanhadas de crises de vômito, que abalam e extenuam o filósofo, tomam-se cada vez mais frequentes, forçando-o a pedir sucessivas licenças para afastamento, por vezes prolongados, de seus encargos docentes.

Foi como catedrático em Basileia que Nietzsche publicou os textos habitualmente classificados no primeiro período de sua produção intelectual.

Em 1876, embora sem rompimento formal, Nietzsche já consumara, em seu foro íntimo, o afastamento definitivo de Wagner e de suas pretensões culturais. Em pleno curso do primeiro festival de Bayreuth, profundamente decepcionado com o que julgava ser uma deplorável mistificação, que instrumentalizava a arte (e sobretudo a música) sujeitando-a ao gosto dominante do público, Nietzsche abandona Bayreuth, tendo antes pedido em casamento, de modo precipitado, uma admiradora de Wagner,

de nome Mathilde Trampedach, a quem mal conhecia. Naturalmente, a proposta foi recusada pela jovem.

Além da submissão ao mercado, Nietzsche julgava poder reconhecer em Wagner outra concessão a coisas que o filósofo abominava: Wagner se comprometera tanto com os ideais do cristianismo quanto com as pretensões estreitamente nacionalistas do Império Alemão, que estava sendo construído por Bismarck, sob o poderio militar da Prússia.

Entre 1876 e 1877, Nietzsche concebe e formula os pensamentos que reunirá no livro publicado no ano seguinte: *Humano, Demasiado Humano*. Juntamente com o rompimento definitivo com Wagner e Schopenhauer, esse texto marca o início do segundo período do pensamento de Nietzsche. Ele demarca assim o território de seu próprio pensamento já que, ao se propor a fazer a história e a crítica das categorias morais, Nietzsche, ao mesmo tempo, se coloca em radical oposição tanto a Schopenhauer quanto a seu amigo Rée, que, em 1877, publicara a *Origem dos Sentimentos Adorais*.

Também esse livro foi mal recebido pelo público e pela crítica. E às obras que se seguem, num segundo ciclo de seu pensamento - *Aurora* (1881) e *A Gaia Ciência* (1882) -, será reservado o mesmo destino. Do ponto de vista estilístico, o que as caracteriza é que todas foram escritas na forma de aforismos.

Entrementes, atormentado por seus males físicos e sentindo-se a cada dia mais isolado, em virtude da cortina de silêncio e mal-entendidos que pairava sobre sua obra, Nietzsche toma a decisão de abandonar definitivamente a carreira acadêmica. Em reconhecimento por seus méritos e serviços, a Universidade de Basileia lhe concede uma modesta pensão vitalícia – aliás, único recurso de que dispõe para sobreviver, uma vez que a remuneração por direitos autorais é, no caso de Nietzsche, inexistente. Inicia-se então o ciclo de sua vida nômade, fugindo dos excessos climáticos das estações do ano, em busca das condições mais amenas para sua saúde combalida. Passa os verões na Suíça, os invernos na Itália, em modestas casas de pensão.

A despeito de seu isolamento voluntário, trava conhecimento com a jovem Lou Andreas Salomé, por quem se apaixona e a quem propõe casamento. Lou Salomé, entretanto, ainda que intelectualmente fascinada por Nietzsche, tinha seus próprios planos de independência pessoal – além de estar afetivamente ligada ao amigo comum

de ambos, o médico Paul Rée. Nietzsche chega a conceber a idéia de uma união livre entre os três, que, associados, partiriam para Paris e Viena, para aprofundar seus conhecimentos científicos e manter uma vida livre e arejada, dedicada ao trabalho de reflexão.

Todos esses planos fracassaram, e a intervenção desastrosa da irmã de Nietzsche – com o propósito de "defender" o irmão das intrigas da "aventureira russa" – o conduziu á mais amarga de suas decepções amorosas.

Com *Assim Falou Zaratustra*, inicia-se a última fase da filosofia de Nietzsche, aquela em que seu pensamento atinge os limites da radicalidade crítica. E por volta dessa época que concebe o projeto de escrever um livro reunindo o essencial de seus pensamentos: *A Vontade de Poder*.

Tanto *Assim Falou Zaratustra* como os livros subseqüentes, *Para Além de Bem e Mal* (1886) e *Para a Genealogia da Moral* (1887), não encontraram praticamente nenhum eco, levando o filósofo ao limiar do desespero, condição agravada pelos males físicos. E nessa época de solidão que faz suas primeiras leituras de Dostoiévski. Sendo ele mesmo excelente prosador e poeta, Nietzsche sempre manteve com a literatura uma relação de estreita dependência. Para ele, Goethe, Stendhal e Dostoiévski se alçaram ás mais elevadas regiões da vida do espírito.

O ano de 1888 é o mais fecundo na produção intelectual de Nietzsche. Durante esse ano, altera radicalmente seus planos em relação ao livro *A Vontade de Poder*, substituindo-o por outro, que deveria chamar-se *Tresvaloração de Iodos os Valores* - também não levado a cabo. Em 1888, contudo, escreve *O Crepúsculo dos ídolos*, *O Cí7.s'0 Wagner*, *O Anticristo*, *Ecce Homo* e *Nietzsche Contra Wagner*.

Esse ano é igualmente marcado pelo início de uma recepção positiva de sua obra: *Zaratustra* é traduzido para o francês, e Nietzsche trava correspondência com o célebre historiador Hypollite Taine, que se confessa admirador de sua obra. Ao mesmo tempo, o escritor Georges Brandes difunde o pensamento de Nietzsche na Dinamarca, associando-o a Kierkegaard, e também se registra uma recepção de Nietzsche na Suécia. Em sua euforia, o filósofo acredita que o silêncio que sufocava sua obra começava a se dissipar. Confiante em que agora seria um autor lido e levado a sério, decide-se a fazer sua própria apresentação: esse é um dos principais sentidos da autobiografia *Ecce Homo*.

Entretanto, no final do ano a saúde de Nietzsche atinge seu limite. No Natal,

envia a amigos e conhecidos várias cartas assinadas "O Crucificado" ou "Dionísio"; e redige uma declaração de guerra contra o primeiro-ministro da Prússia, Otto von Bismarck, e contra o imperador alemão. Foi um prenúncio do colapso mental que o acometeria em 3 de janeiro de 1889, em Milão. Nietzsche viveu mais 11 anos em completo e permanente estado de alienação mental, falecendo em 25 de agosto de 1900.

Ele assumiu até o fim a tarefa de levar o pensamento a suas conseqüências extremas. Não tolerava as "máquinas de pensar, de gélidas entranhas". "Ignoro o que sejam problemas puramente espirituais", dizia ele. "Todas as verdades são, para mim, verdades sangrentas."

Por essa razão, Nietzsche não pode ser lido como o são os outros clássicos da história da filosofia. Compreendê-lo implica recorrer não apenas aos textos publicados, mas também aos inéditos e à correspondência, uma vez que, para ele, filosofar consiste em gerar o pensamento a partir das entranhas. Filosofar é viver – isto é, transfigurar permanentemente em luz e chama tudo o que somos, tudo o que nos afeta.

SUGESTÕES DE LEITURA

A edição histórico-crítica de todos os escritos de Nietzsche, denominada *Kritische Gesamtausgabe Werke*, mas também conhecida como edição Colli/Montinari, é publicada simultaneamente em alemão (Walter de Gruyter), francês (Gallimard) e italiano (Einaudi). É atualmente a fonte obrigatória de consulta para os estudos da obra do filósofo. Como literatura de apoio, sugerimos o seguinte elenco de obras fundamentais, combinando interpretações clássicas e contemporâneas:

G. Deleuze, *Nietzsche et la Philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973.

M. Foucault, "Nietzsche, la Généalogie, l'Histoire"; em: *Hommage a Jean Hyppolite*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971, p. 158-60. (Há uma tradução brasileira desse ensaio, publicado em: M. Foucault, *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 15-38.)

M. Haar, *Nietzsche et la Métaphysique*. Paris: Gallimard 1993.

M. Heidegger, *Nietzsche*. Pfullingen: NeskeVerlag, 1961.

K. Jaspers, *Nietzsche*. Berlin: Walter de Gruyter, 1950.

W. Kauffmann, *Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist*. New Jersey: Princeton University Press, 1974.

M. Lebrun, "Surhomme et Homme Total"; em: *Manuscrito*, vol. 11, número 1, Campinas: CLE/Unicamp, 1978.

K. Loewith, *Von Hegel zu Nietzsche*. Hamburg: Félix Meiner Verlag, 1986.

B. Magnus, *Nietzsche's Existential Imperative*. Bloomington: Indiana University Press, 1978.

M. Montinari, *Nietzsche*. Roma: Editori Riuniti. 1996.

W. Müller-Lauter, *Nietzsche. Seine Philosophie der Gegensätze und die Gegensätze seiner Philosophie*. Berlin/New York: De Gruyter, 1971.

_____, *A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*. Trad. Oswaldo Giacoia Júnior. São Paulo: AnnaBlumme, 1997.

A. Nehamas, *Nietzsche: Life as Literature*. London: Harvard University Press, 1985.

R. Schacht, (org.), *Nietzsche, Genealogy, Morality*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1994.

G. Vattimo, *Nietzsche. Eine Einführung*. Stuttgart: MetzlerVerlag, 1992. Tradução portuguesa, Lisboa: Edições 70, s.d.

P. Wotling, *Nietzsche et le Probleme de la Civilization*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

AUTORES BRASILEIROS

R.M. Dias, *Nietzsche e a Música*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

M.C.F. Ferraz, *Nietzsche: o Bufão dos Deuses*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

L. Kossovitch, *Signos e Poderes em Nietzsche*. São Paulo: Ática, 1979.

R. Machado, *Nietzsche e a Verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____, *Zaratustra: Tragédia Nietzscheana*. **Rio de Janeiro: Zahar, 1997.**

S. Marton, *Nietzsche: das Forças Cósmicas aos Valores Humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

A. Naffah Neto, *Nietzsche: a Vida como Valor Maior*. São Paulo: FTD, 1996.

INTERNET

Nietzsche é acessível na Internet nos seguintes endereços:

<http://www.weimar-klassik.de/haab/nie-net.html>

<http://www.usc.edu/dept/annenberglthomas/nietzsche.html>

www.nietzsche-gesellschaft.de (o endereço da melhor sociedade nietzscheana internacional)

O e-mail dos *Cadernos Nietzsche* é discurso@org.usp.br

SOBRE o AUTOR

Oswaldo Giacoia Júnior é bacharel pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, mestre em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutor em filosofia pela Freie Universität Berlin. É professor livre-docente do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autor de *Labirintos da Alma: Nietzsche e a Auto-Supressão da Moral* (Campinas: Ed unicamp, 1997).

FOLHA EXPLICA

Folha Explica é uma série de livros breves, abrangendo todas as áreas do conhecimento e cada um resumindo, em linguagem acessível, o que de mais importante se sabe hoje sobre determinado assunto.

Como o nome indica, a série ambiciona *explicar* os assuntos tratados. E fazê-lo num contexto brasileiro: cada livro oferece ao leitor condições não só para que fique bem informado, mas para que possa refletir sobre o tema, de uma perspectiva atual e consciente das circunstâncias do país.

Voltada para o leitor geral, a série serve também a quem domina os assuntos, mas tem aqui uma chance de se atualizar. Cada volume é escrito por um autor reconhecido na área, que fala com seu próprio estilo. Essa enciclopédia de temas é, assim, uma enciclopédia de vozes também: as vozes que pensam, hoje, temas de todo o mundo e de todos os tempos, neste momento do Brasil.

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure:

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>